

Homens de Oração do Antigo Testamento

E. M. Bounds

Edições Cristãs

© **Edições Cristãs – Editora Ltda.**

Homens de Oração do Antigo Testamento

E. M. Bounds

1ª edição brasileira: abril de 2011

2ª edição brasileira: agosto de 2014

Tradução: R. J. A.

Capa: Daniel de Almeida Jané

ISBN: 978-85-7558-082-0

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da Editora.

EDIÇÕES CRISTÃS - Editora Ltda.

Caixa Postal 250

19900-970 - OURINHOS - SP - BRASIL

Endereço Eletrônico: edicoescrists@uol.com.br

Site: www.edicoescristas.com.br

ÍNDICE

Introdução

Santos de oração no Antigo Testamento (1)

Santos de oração no Antigo Testamento (2)

Abraão, o homem de oração

Moisés, o poderoso intercessor

Elias, o profeta que orava

Ezequias, o rei que orava

Esdras, o reformador que orava

Neemias, o construtor que orava

Samuel, o filho de oração

Daniel, o cativo que orava

A fé dos pecadores na oração

.oOo.

INTRODUÇÃO

Edward McKendrie Bounds amava profundamente o seu Senhor e Salvador Jesus Cristo. Sua devoção era tão extraordinária que passava orando e escrevendo acerca dEle muitas horas diariamente.

Deus lhe tinha dado um profundo anelo de coração e desejos insaciáveis de servi-LO. Se não fosse assim, ele não poderia ter trazido à luz estes tesouros para o mundo cristão, os quais superam qualquer coisa que tenhamos conhecido ou lido nas últimas décadas.

Nenhum homem dos que têm vivido depois dos tempos dos apóstolos o tem superado na sua maravilhosa busca dentro da vida de oração.

Bounds estava escrevendo seus manuscritos quando o Senhor lhe falou desta maneira: *“Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor”* (Mateus 25.21).

Quando eu estava em Brooklyn, em 1911, recebi cartas dele dizendo-me: “Ore por mim ao Senhor para que me renove a visão e os nervos e eu possa terminar satisfatoriamente os manuscritos”.

Wesley era um homem de caráter terno e doce, sempre disposto a perdoar, mas, quando precisava ser firme, suas palavras doíam como chicotadas. Bounds era manso e humilde e nunca o vi odiar a algum de seus inimigos; pelo contrário, orava e chorava por eles constantemente.

Devido ao seu caráter, Wesley foi vítima de muitos enganos e trapaças. Certa ocasião me disse: “Meu irmão, eu nasci para ser carne de canhão”.

Mas Bounds era bem perspicaz. Ele podia perceber os sutis enganos com muita habilidade e sempre se manteve longe das fraudes nos negócios.

Wesley passava seu tempo pregando e andando a cavalo. Bounds pregava e escrevia dia e noite.

Nos últimos anos, Wesley nunca permitiu que fossem mal interpretadas suas posições doutrinárias e, neste aspecto, Bounds parecia-se muito com ele.

Wesley alcançou renome durante sua vida; sempre estava nos comentários do povo. Bounds, embora tenha editado ainda em vida obras excelentes, foi bem pouco conhecido fora de sua igreja.

Aos oitenta e seis anos de idade, Wesley podia pregar pelas ruas durante trinta minutos sem parar. Durante as primeiras horas da manhã, Bounds, com a idade de setenta e cinco anos, orava de joelhos durante três horas.

Perto da data de sua morte, Wesley tinha desfrutado de sessenta e cinco anos de constantes promoções. Seu nome era conhecido por todos. Sob seu poderoso ministério, houve um grande avivamento na Inglaterra.

No entanto, Bounds foi praticamente desconhecido durante quinze anos, mas nos próximos quinze as pessoas começaram a reconhecer sua estatura espiritual e seu poder na oração.

A piedade, o gênio e a popularidade de Wesley fluíram como um rio majestoso desde seus anos de juventude. Bounds tinha sido bastante restringido, mas depois emergiu com uma força irresistível, transformando-se num poderoso caudal do mundo devocional.

Henry Crabe Robinson, depois de ouvir Wesley pregar em Colchester, disse: “Ele estava em pé frente a um amplo púlpito, e a seu lado havia dois outros ministros que o ajudavam.

Sua voz era tão fraca que mal podia escutar-se, mas seu porte reverente e seu longo cabelo branco davam-lhe um ar e uma aparência difíceis de serem esquecidos”.

O escritor destas linhas deixou o púlpito em Brooklyn em 1912 para E. M. Bounds, precisamente dez meses antes de sua morte.

Sua voz era fraca e seus sermões duravam apenas vinte minutos, pois, ao aproximar-se do final, já estava exausto.

Wesley desfrutou de uma posição econômica acomodada durante toda a sua carreira. A Bounds não lhe interessava o dinheiro; não que o depreciasse, mas o considerava de bem pouco valor quanto a poder.

Wesley morreu com um olhar radiante e um louvor em seus lábios. “O melhor de tudo é que Deus está conosco”, declarou Bounds ao escritor destas linhas. “Quando Ele esteja pronto, eu também já estou; anelo conhecer pessoalmente o gozo e as maravilhas do céu”.

Wesley disse: “O mundo é minha paróquia”. Bounds orava como se o universo inteiro fosse sua área de atuação.

Wesley era o protótipo do cristão separado do mundo, um personagem majestoso e senhorial. Bounds era humilde e mui modesto.

Wesley viverá no coração dos santos por todo o sempre. A Bounds se lhe recordará por toda a eternidade.

Wesley “dorme” no cemitério de City Road Chapel, sob uma lápide de mármore com uma linda dedicatória, aguardando a ressurreição. Os restos de Bounds jazem em Washington, Georgia, sem nenhuma cobertura de mármore, mas também esperando a vinda do Esposo.

Estes dois homens mantiveram claros e preciosos ideais e se destacaram entre todos os demais. Terá terminado com suas mortes esta santa raça de homens?

Homer W. Hodge

.oOo.

SANTOS DE ORAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO (1)

“O Espírito Santo dará àqueles santos que oram o fulgor de uma esperança imortal e a música de uma canção que não termina. Ele outorgará cada vez maiores visões dos céus até que o gosto do terreno se desvaneça; as notas das melodias celestiais farão com que a música terrena soe vazia e discordante”

E.M. Bounds

A história do Antigo Testamento está cheia de relatos e de santos piedosos que dedicavam boa parte de sua vida à oração.

Naqueles tempos, os líderes de Israel se destacavam por seu hábito de oração, pois consideravam que era ela que realmente devia ocupar um lugar preponderante em sua vida e em seu serviço.

Para começar, consideremos o incidente relatado em Josué, capítulo 10, onde até os corpos celestes foram sujeitados por meio da oração.

Estava-se travando uma prolongada batalha entre os israelitas e seus inimigos. Ao cair da noite, perceberam que seriam necessárias ainda mais algumas horas de claridade para assegurar a vitória aos exércitos do Senhor.

Então Josué, aquele grande homem de Deus, clamou: “Sol, detem-te em Gibeão. E tu, lua, no vale de Aijalom” (v. 12).

E o sol e a lua se detiveram em seu curso, atendendo à voz de mando deste homem de oração, até o povo de Deus ter vencido seus inimigos.

Antes de passar uma noite inteira lutando em oração, não pode dizer-se que Jacó era o protótipo de homem justo. Mas, mesmo assim, era um homem que cria no Deus que responde às orações.

Assim é que o encontramos invocando a Deus várias vezes, principalmente nas ocasiões em que sua vida estava enfrentando perigos e dificuldades.

Em certo momento, fugindo de sua casa e de seu irmão Esaú, dirigiu-se à casa de Labão e, ao cair da noite, deteve-se ao relento para descansar e dormir um pouco e ali teve um sonho maravilhoso no qual viu anjos de Deus subindo e descendo por um escada que ia da terra ao céu.

Ao despertar, exclamou: *“Na verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia”* (Gênesis 28.16).

Foi nesta ocasião que ele fez um voto solene, dirigindo-se ao Senhor em oração: *“Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista, de maneira que eu volte em paz para a casa de meu pai, então o Senhor será o meu Deus; e essa pedra, que erigi por coluna, será a Casa de Deus; e, de tudo quanto me concederes, certamente eu Te darei o dízimo”* (Gênesis 28.20-22).

Com um profundo sentimento de uma total dependência de Deus e desejando Sua ajuda em todas as coisas, Jacó condicionou sua oração pedindo proteção, bênção e direção, por meio de um voto solene.

Passaram-se vinte anos nos quais Jacó esteve na casa de Labão e se casou com duas de suas filhas, as quais, por sua vez, lhe deram filhos. Como tinha prosperado bastante, resolveu deixar aquele lugar e voltar para o lugar de seu nascimento, de onde tinha fugido. Mas, para isso, teria que preparar-se para encontrar-se com seu irmão Esaú, cuja ira não tinha passado, mesmo após tantos anos.

No entanto, Deus lhe tinha dito: *“Torna à terra de teus pais... e Eu serei contigo”* (Gênesis 31.3).

Diante das circunstâncias e lembrando-se de seu voto e das promessas de Deus, entregou-se à oração durante toda aquela noite.

É aqui, precisamente, onde encontramos o inexplicável incidente do Anjo lutando com Jacó, até este conseguir a vitória. *“Não Te deixarei ir se me não abençoares”* (Gênesis 32.26). E foi então que, como resposta à sua fervorosa e importuna oração, foi ricamente abençoado e teve seu nome mudado.

Mas Deus foi muito além do desejo de Seu servo e agiu de maneira miraculosa a respeito da ira de Esaú de maneira que, quando Jacó o encontrou, no dia seguinte, sua ira tinha desaparecido por completo.

Sem levar em conta o poder eficaz de sua oração não podemos achar nenhuma resposta satisfatória a respeito da mudança no caráter áspero de Esaú.

Samuel, o poderoso intercessor de Israel e um santo homem de Deus, foi o produto da oração de sua mãe. Ana é um exemplo memorável da natureza e benefícios da oração importuna. Não podendo conceber filhos, pediu fervorosamente a Deus um filho varão. Derramou sua alma perante o Senhor na expressão daquele desejo.

Em função da forma tão intensa em que orava e nos gestos que se manifestavam em seu rosto, Eli, o sacerdote, pensou que ela estava embriagada, mas Ana lhe respondeu: *“Não, senhor meu! Eu sou mulher atribulada de espírito; não bebi nem vinho nem bebida forte; porém venho derramando a minha alma perante o Senhor”* (1 Samuel 1.15).

Embora seu caminho estivesse interrompido por enormes dificuldades físicas e emocionais, ela insistiu diante de Deus em oração e o Senhor lhe respondeu dando-lhe como filho a Samuel, por meio do qual toda a nação foi restaurada.

Em Tiago 1.15, onde se lê *“e a oração da fé salvará o enfermo”*, a palavra traduzida *“oração”* significa um voto ou promessa. Assim, a oração, em sua forma mais elevada de fé, é aquela que leva o homem em toda a totalidade de seu ser (espírito, alma e corpo) como uma oferenda perante Deus.

Quando examinamos o caráter religioso de Sansão nos encontramos com um paradoxo. Mas, no meio de tantas falhas e defeitos, os quais foram extremamente graves, ele conhecia o Deus que ouve a oração e sabia como dirigir-se a Ele.

Não houve vales por mais profundos que fossem em que Israel tenha caído, nem cadeias fortes demais com as quais estivesse atado, que não pudessem ser libertadas por Deus. Esta era a lição que continuamente aprendiam, mas que, por sua vez, sempre esqueciam.

Deus sempre agia a seu favor e não havia nada que fosse difícil demais que o Todo-Poderoso não pudesse fazer em favor de Seu povo. Muitas vezes encontramos os grandes santos de Deus em apuros e perigos, no entanto, são eles os que precisamente chegaram a ser arautos de grandes triunfos.

Sejam quais forem os problemas ou a origem de onde eles surjam, não existe nenhum extremo nem grau de gravidade que não possa ser mudado ou solucionado por meio da oração.

A grande força de Sansão não pôde livrá-lo de suas dificuldades, mas a oração agiu eficazmente.

Leiamos o que diz a Escritura: *“Chegando ele a Leí, os filisteus lhe saíram ao encontro, jubilando. Porém o Espírito do Senhor de tal maneira se apossou dele, que as cordas que tinha*

nos braços se tornaram como fios de linho queimados, e as suas amarraduras se desfizeram das suas mãos. Achou uma queixada de jumento, ainda fresca, à mão, e tomou-a, e feriu com ela mil homens. E disse: Com uma queixada de jumento um montão, outro montão; com uma queixada de jumento feri mil homens. Tendo ele acabado de falar, lançou de sua mão a queixada. Chamou-se aquele lugar Ramate-Leí. Sentindo grande sede, clamou ao Senhor e disse: Por intermédio do Teu servo deste esta grande salvação; morrerei eu, agora, de sede e cairei nas mãos destes incircuncisos? Então o Senhor fendeu a cavidade que estava em Leí, e dela saiu água; tendo Sansão bebido, recobrou alento e reviveu” (Juízes 15.14-19).

Temos outro incidente relacionado com este estranho personagem do Antigo Testamento no qual nos mostra uma vez mais como, no meio de grandes dificuldades, a mente e o coração do homem voltam-se a Deus em oração.

Embora muitos destes personagens fossem irregulares em sua vida espiritual, e estivessem vivendo em pecado quando a dificuldade surgiu, no entanto, ao clamarem ao Senhor em oração e mostrarem um coração arrependido, invariavelmente, Deus acudia em sua ajuda, retirando deles a carga pesada e agonizante.

Este outro incidente aconteceu no final da vida de Sansão e nos mostra como foi seu fim.

Leia-se o relato tal como está no capítulo 16 do livro de Juízes. Sansão tinha feito uma aliança com Dalila, uma mulher pagã, a qual, em conluio com os filisteus, tratava de descobrir qual era a fonte de sua grande força física.

Por três vezes sucessivas falhou em seu intento, mas, finalmente, por meio de sua persistência e artes femininas, persuadiu a Sansão para que lhe contasse seu maravilhoso segredo.

Descobriu, então, que a fonte de sua força física estava em seu cabelo, o qual nunca tinha sido cortado. Cortando-lhe o cabelo, enquanto Sansão dormia, o privou de sua fortaleza. Ainda, para deixá-lo em ridículo e em desgraça, chamou os filisteus, que lhe arrancaram os olhos e o maltrataram de muitas outras maneiras.

Certa ocasião, quando os filisteus estavam reunidos para oferecer seu sacrifício ao seu deus Dagon, chamaram a Sansão para divertir-se com ele.

E o seguinte relato nos diz o que aconteceu: *“Alegrando-se-lhes o coração, disseram: Mandai vir Sansão, para que nos divirta. Trouxeram Sansão do cárcere, o qual os divertia. Quando o fizeram estar em pé entre as colunas, disse Sansão ao moço que o tinha pela mão: Deixa-me, para que apalpe as colunas em que se sustém a casa, para que me encoste a elas. Ora, a casa estava cheia de homens e mulheres, e também ali estavam todos os príncipes dos filisteus; e sob o teto havia uns três mil homens e mulheres, que olhavam enquanto Sansão os divertia. Sansão clamou ao Senhor e disse: Senhor Deus, peço-Te que Te lembres de mim, e dá-me força só desta vez, ó Deus, para que me vingue dos filisteus, ao menos por um dos meus olhos. Abraçou-se, pois, Sansão com as duas colunas do meio, em que se sustinha a casa, e fez força sobre elas, com a mão direita em uma e com a esquerda na outra. E disse: Morra eu com os filisteus. E inclinou-se com força, e a casa caiu sobre os príncipes e sobre todo o povo que nela estava; e foram mais os que matou em sua morte do que os que matara na sua vida”* (Juízes 16.25-30).

.oOo.

2

SANTOS DE ORAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO (2)

“Lambeth e Wainwright tinham uma grande Missão na cidade de Osaka, no Japão. Certo dia, uma ordem governamental foi recebida a qual dizia que não se permitiriam mais as reuniões feitas pelos evangélicos. Os dois missionários procuraram as maiores autoridades a fim de reverter a ordem, mas não conseguiram. Então retiraram-se ao seu quarto para orar. Uma empregada e a senhora Lambeth juntaram-se na oração. Levantaram-se e abriram as portas da Missão para iniciar a reunião. Deus agiu e o Espírito Santo deu convicção de pecado a dois dos filhos dos oficiais da cidade, os quais aceitaram naquela hora a Cristo como seu Salvador pessoal. Na manhã seguinte, um dos oficiais chegou à casa da Missão e lhes disse: ‘Continuem

com suas reuniões, pois não serão molestados'. O jornal de Osaka publicou o seguinte: 'O Deus dos cristãos veio à nossa cidade ontem à noite'"

H. C. Morrison

Jonas, o homem que orou estando no ventre do grande peixe, é outro exemplo destes santos do Antigo Testamento que venceu pela oração.

Jonas, um profeta do Senhor, era um fugitivo de Deus e do lugar onde deveria cumprir seu dever. Tinha sido enviado numa missão especial à cidade de Nínive para que lhes pregasse.

Deus lhe tinha dito: *"Dispõe-te, vai à grande cidade de Nínive e clama contra ela, porque a sua malícia subiu até Mim"* (Jonas 1.2). Mas Jonas, talvez por causa do medo, decidiu desobedecer a Deus e embarcou para a cidade de Târsis, fugindo assim da presença do Senhor.

Lamentavelmente, não percebeu que o Deus que o enviava a Nínive para aquela missão não deixaria de pôr Seus olhos sobre ele, por mais longe que tentasse escapar.

Quando o barco estava a caminho de Târsis, levantou-se uma grande tempestade e decidiu-se atirar Jonas às águas para acalmar a Deus e evitar a destruição do barco e dos que estavam a bordo.

Mas Deus estava ali da mesma maneira como tinha estado com Jonas desde o princípio. Deus tinha preparado um grande peixe para que engolisse a Jonas, com o propósito de detê-lo em sua desobediência e ajudá-lo a cumprir Seus propósitos.

E o mesmo Jonas, naquela terrível provação, estando no ventre do grande peixe, invocou a Deus, que o ouviu e ordenou ao peixe que vomitasse a Jonas, indo este para a terra seca.

Que força retirou Jonas daquele terrível lugar? Parecia condenado a morrer naquela escuridão, mas de repente se pôs a orar e que outra coisa poderia ele fazer?

Isto era o que já tinha feito anteriormente quando rodeado de dificuldades. *"Me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as Tuas ondas e as Tuas vagas passaram por cima de mim. Então eu disse: Lançado estou de diante dos Teus olhos; tornarei, porventura, a ver o Teu santo templo?...Quando, dentro de mim, desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e subiu a Ti a minha oração, no Teu santo templo"* (Jonas 2.3-4, 7).

Como outros santos, Jonas uniu à sua oração um voto: *“Com a voz do agradecimento, eu Te oferecerei sacrifício; o que votei pagarei. Ao Senhor pertence a salvação!”* (Jonas 2.9).

A oração foi a força poderosa que fez com que Deus ordenasse ao peixe que vomitasse a Jonas, apesar de estar este em desobediência e pecado.

Nada é difícil demais para a oração, pois que nada é difícil demais para Deus.

Aquela oração de Jonas, feita no ventre do grande peixe, e seus poderosos resultados, são no Antigo Testamento um tipo do poder de Deus na ressurreição do Senhor Jesus Cristo dentre os mortos.

Nosso Senhor atestou a veracidade sobre a oração de Jonas e a ressurreição.

Nada há tão simples como estes casos em que se manifesta o poder de Deus para libertar os Seus. Nada mais simples do que a oração pode fazer, pondo-nos em comunicação com Deus. Nada mais claro que o fato de que Deus ouve e responde a oração. Esta era a fé dos santos do Antigo Testamento.

Quanto precisamos aprender e ensinar a respeito da arte da oração! É a mais simples de todas as artes e a mais poderosa de todas as forças e está em perigo de ser esquecida e abandonada.

Os homens do Antigo Testamento oravam bem porque eram homens simples e viviam em tempos quando a existência estava livre das complicações dos nossos dias. Eles eram como crianças e, portanto, tinham a fé de uma criança.

Ao citar os santos do Antigo Testamento que se destacaram por seu hábito de oração, não podemos esquecer de Davi. Para ele, a oração era um santo hábito, pois no Salmo 55.17, lemos assim:

“À tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei; e Ele ouvirá a minha voz”.

Para o doce salmista de Israel a oração não era uma ocupação estranha, mas sabia muito bem qual era a maneira de ter acesso a Deus e empregava-a frequentemente. Não é de admirar-nos, pois, que leiamos palavras de Davi tais como estas: *“Ó Tu que ouves a oração, a Ti virão todos os homens”* (Salmo 65.2).

Quando a criança de Davi e de Bate-Seba estava à morte por causa do pecado do pai, o que fez com que os inimigos de Deus blasfemassem, Davi orou e jejuou para que o menino sarasse. O fato de Deus ter negado a petição não afetou seu

hábito de oração. Ainda que não tenha recebido aquilo que tinha pedido, sua fé em Deus não foi afetada.

O fato importante é que, ainda que Deus não curou aquele menino, no entanto, Deus deu a Davi outro filho: Salomão. E certamente este outro filho foi para Davi de bênção maior do que teria sido o primeiro.

Em conexão com este pensamento, não podemos deixar de citar a oração penitencial de Davi quando o profeta Natã, por ordem expressa de Deus, descobriu perante Davi seus dois grandes pecados: adultério e assassinato.

Imediatamente, Davi reconheceu sua maldade e confessou que tinha pecado. Como demonstração de sua angústia e seu genuíno arrependimento, escreveu as palavras do Salmo 51, nas quais estão incluídas sua confissão de pecados, sua profunda humilhação e a oração pedindo a Deus restauração.

Davi sabia onde encontrar um Deus perdoador e foi recebido de novo à comunhão e à restauração de sua fé por meio de uma sincera, fervorosa e penitente oração. Assim acontece com todos os pecadores perdoados e restaurados.

Em todo o livro dos Salmos temos a oração ocupando grande importância e, à medida que percorremos este precioso livro, encontramos orações que surgem de estados de ânimo mui diferentes e em mui diferentes circunstâncias.

Na extensa relação de nomes que encontramos no Antigo Testamento que oraram encontramos o rei Salomão. Apesar de suas faltas, não se esqueceu do Deus que ouve e responde as orações. Embora este homem tão sábio em seus últimos anos se tenha afastado de Deus, encontramos-lo em atitude de oração no início do seu reinado.

Salomão foi a Gibeão para ali oferecer sacrifício. E isto significa que a oração estava em estreita relação com estes sacrifícios.

Enquanto o rei estava ali, o Senhor lhe apareceu numa visão de noite, e lhe disse: *“Pede-Me o que queres que Eu te dê”* (1 Reis 3.5). E qual foi o seu pedido?

“Agora, pois, ó Senhor, meu Deus, Tu fizeste reinar Teu servo em lugar de Davi, meu pai; não passo de uma criança, não sei como conduzir-me... Dá, pois, ao Teu servo coração compreensivo para julgar a Teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal; pois quem poderia julgar a este grande povo?” (1 Reis 3.7, 9).

E não é de nos maravilharmos ao lermos o que está escrito como resultado desta oração: *“Estas palavras agradaram ao Senhor, por haver Salomão pedido tal coisa. Disse-lhe Deus: Já que pediste esta coisa e não pediste longevidade, nem riquezas, nem a morte de teus inimigos; mas pediste entendimento para discernir o que é justo; eis que faço segundo as tuas palavras; dou-te coração sábio e inteligente, de maneira que antes de ti não houve teu igual, nem depois de ti o haverá. Também até o que Me não pediste Eu te dou, tanto riquezas como glória; que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias”* (1 Reis 3.10-13).

Que modelo de oração! Que autodepreciação e simplicidade! Foi claro no que desejava e recebeu muito mais do que pediu!

Olhemos também para a memorável oração por ocasião da dedicação do Templo. Provavelmente seja esta a oração mais prolongada registrada na Palavra de Deus. Salomão não podia permitir que a casa de Deus fosse dedicada sem respaldar esta magnífica obra com oração.

Assim no-lo relatam as Escrituras: *“Tendo Salomão acabado de orar, desceu fogo do céu e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa”* (2 Crônicas 7.1).

Desta maneira, Deus testificou a Sua aceitação do Templo e de Salomão.

A relação destes santos do Antigo Testamento que se entregaram à oração continuada é muito extensa para estudar cada caso em particular. Mas o nome de Isaías, o grande profeta evangélico, e o de Jeremias, o profeta chorão por seu povo, não devem ser deixados de lado.

Que aqueles que amamos a leitura do Antigo Testamento possamos ter em mente este tema da oração e cheguemos a considerar o lugar proeminente que ela ocupou nas vidas daqueles grandes homens de Deus.

.oOo.

3

ABRAÃO, O HOMEM DE ORAÇÃO

“Quão preciosos aqueles homens e mulheres que se levantavam nas primeiras horas da manhã para buscar a Deus! Que fé aquela que os submergia nos próprios céus para resgatar dali os preciosos tesouros e enriquecer com eles o Corpo de Cristo, como também o mundo inteiro!”

Homer W. Hodge

Abraão, o amigo de Deus, é um poderoso exemplo de um dos santos do Antigo Testamento que criam firmemente no poder e nos resultados da oração.

Na simplicidade da dispensação patriarcal, aprendemos o valor da oração e, ao mesmo tempo, descobrimos sua antiguidade. A oração chega às primeiras épocas do homem sobre a terra. Vemos como sua energia é absolutamente requerida tanto na mais simples das dispensações quanto na mais complexa dentro da graça de Deus.

Quando estudamos o caráter de Abraão, vemos que, depois de sua chamada para ir a uma terra desconhecida, em meio da sua viagem ele parava para passar a noite, levantava um altar e ali invocava o Nome do Senhor.

Este homem de fé e de oração foi um dos primeiros em levantar um altar familiar, ao redor do qual reunia os seus e oferecia sacrifícios de adoração, de louvor e orava.

Quando as revelações de Deus se fizeram Abraão aumentou. Foi precisamente numa destas ocasiões quando Abraão caiu sobre seu rosto e Deus falou com ele.

Em outra ocasião, encontramos este homem, chamado “o pai dos fiéis”, sobre seu rosto perante Deus, assombrado com a promessa do Todo-Poderoso dar-lhe um filho numa idade tão avançada.

Até o destino de Ismael foi mudado com a oração de Abraão: “O Senhor te acudiu na tua aflição” (Gênesis 16.11).

E que relato tão maravilhoso é o de Abraão intercedendo pela perversa cidade de Sodoma, o lar de seu sobrinho Ló!

O destino de Sodoma dependia por uns momentos da oração de Abraão e quase que ele foi totalmente mudado devido à humildade e à persistência deste homem de fé.

Para salvar Sodoma, Abraão só tinha o recurso da oração. Talvez o fracasso em resgatar totalmente Sodoma se deva ao

ponto de vista otimista de Abraão quanto à condição espiritual daquela cidade; talvez se Abraão tivesse insistido uma vez mais para que Deus perdoasse a cidade havendo ali somente um homem justo, Ló, o Todo-Poderoso teria atendido a petição de Seu servo.

Notemos outro acontecimento na vida de Abraão que denota que ele era um verdadeiro homem de oração e que sabia o que significava ter confiança em Deus.

Abraão tinha viajado até chegar a Gerar. Temendo que Abimeleque pudesse tirar-lhe a esposa e matá-lo, decidiu enganar a Abimeleque dizendo-lhe que Sara era sua irmã.

Mas Deus apareceu a Abimeleque em um sonho e o preveniu que não tocasse em Sara, dizendo-lhe que ela não era a irmã de Abraão, mas sua esposa.

Então disse Deus a Abimeleque: *“Agora, pois, restitui a mulher a seu marido, pois ele é profeta e intercederá por ti, e viverás”*.

E a Escritura diz que foi assim que se concluiu aquele incidente: *“E, orando Abraão, sarou Deus Abimeleque, sua mulher e suas servas, de sorte que elas pudessem ter filhos; porque o Senhor havia tornado estéreis todas as mulheres da casa de Abimeleque, por causa de Sara, mulher de Abraão”* (Gênesis 20.7, 17-18).

Este caso tem alguma semelhança com a experiência final das provações de Jó, quando seus amigos, sem poderem entender os planos de Deus para com Seu servo, o acusaram falsamente de estar sofrendo todas aquelas calamidades por causa de seu próprio pecado.

Deus disse a estes amigos de Jó: *“Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros, e ide ao Meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós. O Meu servo Jó orará por vós; porque dele aceitarei a intercessão, para que Eu não vos trate segundo a vossa loucura; porque vós não dissestes de Mim o que era reto, como o Meu servo Jó. Então, foram Elifaz, o temanita, e Bildade, o suíta, e Zofar, o naamatita, e fizeram como o Senhor lhes ordenara; e o Senhor aceitou a oração de Jó. Mudou o Senhor a sorte de Jó, quando este orava pelos seus amigos; e o Senhor deu-lhe o dobro de tudo o que antes possuía”* (Jó 42.8-10).

O Deus Todo-Poderoso conhecia a Jó como um homem de oração e podia enviar seus três amigos para que rogasse por eles e assim se cumpriram Seus planos e Seus propósitos.

A regra da vida de Abraão era estar continuamente perante Deus em oração. A dispensação de Abraão foi abençoada pela oração. Onde quer que ele fosse em sua peregrinação, a oração era sua companheira inseparável. Junto ao altar de sacrifício estava o altar da oração e bem cedo de manhã ele se levantava para buscar a Deus com todo o seu coração.

.oOo.

4

MOISÉS, O PODEROSO INTERCESSOR

“A oração de intercessão é um poderoso meio de graça. Martyn observa que, em tempos de aridez e depressão interior, muitas vezes podia encontrar um verdadeiro avivamento no fato de orar a favor de outros: por sua conversão, santificação e prosperidade na Obra do Senhor”.

Handley C. G. Moule

A oração se une com os propósitos de Deus e assegura o cumprimento dos mesmos. Quantas vezes a oração de intercessão livrou muitas almas da ira de Deus por causa de seus pecados! Israel, como nação, é um exemplo; teria encontrado uma justa destruição e um destino fatal depois de sua apostasia e adoração do bezerro de ouro se não tivesse sido a importunação de Moisés perante Deus durante quarenta dias e quarenta noites de oração.

O caráter e o efeito da oração de Moisés foram simplesmente maravilhosos. Os sublimes momentos de comunhão com Deus no momento da entrega da Lei não obraram uma transfiguração tão notável em seu caráter como aqueles quarenta incansáveis dias em oração a Deus.

Foi precisamente quando voltou daquela longa luta em oração que seu rosto brilhava como nunca.

Nossos montes de transfiguração e o brilho celestial refletido em nosso caráter e conduta surgem das horas e dias de constante luta em oração.

A oração de toda uma noite pôde transformar alguém como Jacó, o enganador, em Israel, o príncipe de Deus.

Nenhuma missão foi mais majestosa em propósito e em resultados como aquela de Moisés. Foi um trabalho difícil, diligente e cheio de responsabilidade. Ali nos é ensinado o sublime ministério e a regra de ouro da oração.

Não é somente o meio de sustento do céu na terra, como também é o meio que Deus tem para derramar Sua compaixão e longanimidade. A oração é um meio para deter a ira de Deus, a forma em que a misericórdia se manifesta contra o juízo.

O próprio Moisés e sua missão foram originados na oração. Assim está registrado na Escritura: *“Quando Jacó entrou no Egito e vossos pais clamaram ao Senhor, o Senhor enviou a Moisés e Arão, os quais tiraram vossos pais do Egito e os fizeram habitar neste lugar”*.

Este é o começo do grande movimento de libertação dos hebreus do cativeiro egípcio.

Os grandes movimentos de Deus foram grandemente influenciados pela oração de Seus fiéis. A oração trata diretamente com Deus. Ele se compraz em basear Suas ações sobre as orações de Seus santos.

Moisés não teria podido governar o povo de Israel e levar avante os planos divinos sem elevar continuamente o incenso precioso da oração. A obra de Deus não pode fazer-se sem este fogo e fragrância que sobem até Sua presença.

As orações de Moisés têm frequentemente o encargo de mitigar a ira de Deus. Por quatro vezes Faraó solicitou as orações de Moisés para apaziguar seu temor com respeito à ira de Deus.

“Disse Faraó: Deixar-vos-ei ir, para que ofereçais sacrifícios ao Senhor, vosso deus, no deserto; somente que, saindo, não vades muito longe; orai também por mim... Então saíram Moisés e Arão da presença de Faraó; e Moisés clamou ao Senhor por causa das rãs, conforme combinara com Faraó... E o Senhor fez conforme a palavra de Moisés; morreram as rãs nas casas, nos pátios e nos campos” (Êxodo 8.30, 12-13).

Quando a terrível praga das moscas tinha corrompido toda a terra, novamente Faraó clamou a Moisés: *“Então, saiu Moisés de presença de Faraó e orou ao Senhor”* (Êxodo 8.30).

A praga da chuva de pedras fez com que Faraó apelasse novamente a Moisés, buscando o favor de Deus: *“Então, Faraó mandou chamar a Moisés e a Arão e lhes disse: Esta vez pequei; o Senhor é justo, porém eu e o meu povo somos ímpios. Orai ao Senhor; pois já bastam estes grandes trovões e a chuva de pedras. Eu vos deixarei ir, e não ficareis mais aqui. Respondeu-lhe Moisés: Em saindo eu da cidade, estenderei as mãos ao Senhor; os trovões cessarão, e já não haverá chuva de pedras; para que saibas que a terra é do Senhor... Saiu, pois, Moisés da presença de Faraó e da cidade e estendeu as mãos ao Senhor; cessaram os trovões e a chuva de pedras, e não caiu mais chuva sobre a terra”* (Êxodo 9.27-29, 33).

Ainda que Moisés viveu sob a Lei, não duvidou em apelar à graça de Deus por meio da oração.

Tanto na vida de Abraão quanto na de Moisés vemos repetidamente este princípio da influência que a oração tem sobre o Deus Todo-Poderoso. Mais forte que todas as outras leis e que qualquer outro decreto, é esta declaração: *“Invoca-Me, e te responderei”* (Jeremias 33.3).

Moisés viveu perto de Deus e sabia como ter confiança e acesso a Ele, o que fazia com que sua necessidade de oração fosse ainda mais indispensável, óbvia e poderosa. A familiaridade com Deus dá consistência e poder à oração. A frieza espiritual faz com que a oração seja escassa e fraca.

Houve experiências excepcionais nas quais Moisés viveu e que a oração não pôde influenciar, mas não há contrariedade extrema que não possa impedir a Deus de agir, quando a oração O faz intervir diretamente no assunto.

A missão de Moisés era um encargo divino. Foi ordenada, planejada e dirigida por Deus. Quanto mais de Deus atue em um empreendimento, mais oração também haverá.

A “regra de ouro” da oração de Moisés a favor de seu povo ilustra a necessidade do valor e a persistência em oração.

Por quarenta dias e quarenta noites Moisés orou pela salvação do povo de Deus. Tão intensa era sua preocupação por eles que não teve necessidade de comer e de beber.

Às vezes não percebemos até que ponto as orações de um santo podem influenciar no Senhor, mas, para termos uma ideia clara disso, leiamos as palavras da Escritura: *“Tornou Moisés ao Senhor e disse: Ora, o povo cometeu grande pecado, fazendo para si deuses de ouro. Agora, pois, perdoa-lhes o pecado; ou, senão,*

risca-me, peço-Te, do livro que escreveste. Então disse o Senhor a Moisés: Riscarei do Meu livro todo aquele que pecar contra Mim. Vai, pois, agora, e conduze o povo para onde te disse; eis que o Meu Anjo irá diante de ti” (Êxodo 32.31-34).

A rebelião de Corá foi a ocasião que provocou a ira de Deus contra toda a congregação de Israel que simpatizava com os rebeldes. Novamente Moisés aparece em ação no cenário e com ele Aarão, seu irmão, unindo-se-lhe em sua intercessão a favor destes pecadores que estavam contra Deus e contra a autoridade delegada por Ele.

Este incidente nos mostra que, numa circunstância tão séria como esta, Moisés sabia a Quem recorrer e tinha esperança que Deus tiraria Sua maldição e perdoaria a Israel.

Eis aqui o relato bíblico sobre o incidente: *“Disse o Senhor a Moisés e a Arão: Apartai-vos do meio desta congregação, e os consumirei num momento. Mas eles se prostraram sobre o seu rosto e disseram: Ó Deus, Autor e Conservador de toda a vida, acaso, por pecar um só homem, indignar-Te-ás contra toda esta congregação?” (Números 16.20-22).*

A presunção, orgulho e rebelião de Miriã, a irmã de Moisés, que contava com o consentimento de Arão, fez com que Moisés tivesse que interceder novamente perante Deus.

Por causa de seu pecado, Deus fez que ficasse leprosa. E Moisés intercedeu de maneira tenra e fervorosa por sua irmã, a qual tinha ofendido tão gravemente a Deus, e sua oração a curou daquela enfermidade incurável.

O relato é muito interessante e diz assim: *“E a ira do Senhor contra eles se acendeu; e retirou-se. A nuvem afastou-se de sobre a tenda; e eis que Miriã achou-se leprosa, branca como neve; e olhou Arão para Miriã, e eis que estava leprosa. Então, disse Arão a Moisés: Ai! Senhor meu, não ponhas, te rogo, sobre nós este pecado. pois loucamente procedemos e pecamos. Ora, não seja ela como um aborto, que, saindo do ventre de sua mãe, tenha metade de sua carne já consumida. Moisés clamou ao Senhor, dizendo: Ó Deus, rogo-Te que a cures. Respondeu o Senhor a Moisés: Se seu pai lhe cuspira no rosto, não seria envergonhada por sete dias? Seja detida fora do arraial e, depois, recolhida” (Números 12.9-14).*

As murmurações dos filhos de Israel proporcionaram as condições para pôr em ação as poderosas forças da oração. Neste aspecto, Moisés se destacou em seu elevado trabalho de intercessão perante Deus a favor de seus irmãos.

Foi em Mara, onde as águas eram amargas e o povo murmurou contra Deus, que Moisés teve necessidade de clamar outra vez perante o Senhor.

Eis aqui o relato da Escritura: *“Afiml, chegaram a Mara; todavia, não puderam beber as águas de Mara, porque eram amargas; por isso, chamou-se-lhe Mara. E o povo murmurou contra Moisés, dizendo: Que havemos de beber? Então, Moisés clamou ao Senhor, e o Senhor lhe mostrou uma árvore; lançou-a Moisés nas águas, e as águas se tornaram doces. Deu-lhes ali estatutos e uma ordenação, e ali os provou”* (Êxodo 15.23-25).

Quantos lugares amargos desta terra têm sido adoçados pela oração só o saberemos nos registros da Eternidade.

Novamente em Taberá o povo se queixou e murmurou e Deus se irou contra eles, de modo que Moisés tornou a interceder por eles.

Eis aqui o breve relato: *“Queixou-se o povo de sua sorte aos ouvidos do Senhor; ouvindo-o o Senhor, acendeu-se-lhe a ira, e fogo do Senhor ardeu entre eles e consumiu extremidades do arraial. Então, o povo clamou a Moisés, e, orando este ao Senhor, o fogo se apagou”* (Números 11.1-2).

Moisés conseguiu o que pediu. Sua oração foi específica e a resposta de Deus também o foi. Sempre que ele orou foi ouvido pelo Deus Todo-Poderoso e sempre recebeu a devida resposta. Somente uma vez a resposta não veio como pedida. Tinha orado para poder entrar na terra de Canaã. A resposta veio, mas não da maneira como ele tinha pedido. Teve uma visão da Terra Prometida, mas não lhe foi permitido atravessar o Jordão para entrar nela. Foi uma oração semelhante à de Paulo quando este orou três vezes para que seu espinho na carne lhe fosse removido. Deus não o tirou, mas deu-lhe graça suficiente para fazer daquele aguilhão uma verdadeira bênção.

Ainda que o Salmo 90 esteja incorporado dentro da seção que se conhece como “Salmos de Davi”, foi comprovado de alguma maneira pelos antigos rabinos que tinha sido Moisés seu escritor e este salmo nos dá um exemplo da oração que elevou o homem de Deus que entregou a Lei ao povo.

É uma oração que merece ser estudada detalhadamente. Ela tem abençoado o túmulo de muitos santos que hoje estão dormindo. Nossa grande familiaridade com este salmo pode fazer-nos perder seu real e completo significado. Seria muito bom se nós pudéssemos digerir lentamente suas palavras para

que possa ensinar-nos a como viver, como orar enquanto estamos nesta terra, e como morrer.

“Ensina-nos a contar os nossos dias, para que alcancemos coração sábio... Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; confirma sobre nós as obras de nossas mãos, sim, confirma as obras de nossas mãos” (Salmo 90.12, 17).

.oOo.

5

ELIAS, O PROFETA QUE ORAVA

“Tenho conhecido homens”, dizia Goodwin (e talvez fosse ele um deles), “que se têm aproximado de Deus tão somente com o propósito de aproximar-se dEle. Tanto O amavam! Desejavam apenas regozijar-se perante Ele. Entre os homens, a amizade se mantém por meio de frequentes encontros e visitas e, quanto mais livres e espontâneos sejam estes, mais amistosas e bem-vindas resultam”.

Alexander Whyte

Elias é o decano dos profetas. Seus são a coroa, o trono e o cetro. Suas vestiduras resplandecem com fogo celestial. Sua natureza, bravia e heroica, parece ser diferente da natureza do restante da humanidade; no entanto, o Novo Testamento nos diz que ele foi um homem semelhante a nós.

Em lugar de colocá-lo fora da esfera da humanidade, por causa dos maravilhosos resultados de suas orações, este personagem aparece nas Escrituras como um exemplo para ser imitado por todos os crentes. Orar como Elias orou e obter os resultados que ele obteve é a necessidade premente de nossos dias.

Elias tinha aprendido muito bem a lição da oração. Nos lugares secretos, nas montanhas ou nos vales, passava longo tempo a sós com Deus, intercedendo contra a devastadora

idolatria dos seguidores de Acabe. Suas poderosas orações obtiveram, finalmente, a vitória.

Elias tinha estado falando com Deus acerca da vingança, coisa muito comum naqueles tempos. Este poderoso intercessor seria revestido com fogo, símbolo da justiça e que caracterizava o mensageiro da ira de Deus.

Quão valentemente ele se apresenta perante aquele temível rei e lhe declara a mensagem: *“Então, Elias, o tesbita, dos moradores de Gileade, disse a Acabe: Tão certo como vive o Senhor, Deus de Israel, perante cuja face estou, nem orvalho nem chuva haverá nestes anos, segundo a minha palavra”* (1 Reis 17.1).

O segredo desta oração e as marcas proeminentes de seu caráter se descobrem nas palavras: *“Perante cuja face estou”*. Isto nos lembra as palavras de Gabriel a Zacarias ao anunciar a este sacerdote a chegada de um filho, sendo, tanto ele como também sua esposa, de idade avançada: *“Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus”* (Lucas 1.19).

Que poder admirável há na oração do profeta Elias! *“Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu”* (Tiago 5.17).

Que forças tão onipotentes estas, que podem ordenar às forças da própria natureza! Qual é o homem que se atreve a pronunciar semelhante sentença?

Se seu pedido é falso é porque se trata de um fanático ou de um louco; mas, se é verdadeira, é porque a poderosa mão do Onipotente tem agido a seu favor.

A grande sequidão testemunhou do poder de sua oração e provou a firmeza, paixão e força daquele homem que pôde deter as nuvens carregadas de chuva. Elias é seu nome e seu significado, “o Senhor é meu Deus”, falam da veracidade do mesmo.

Suas orações tinham o poder suficiente para deter o benigno curso da natureza. Tiago, o irmão de nosso Senhor, nos diz em sua Epístola: *“Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu”*.

Que todos os crentes tomemos plena consciência deste poder na oração, e que os santos e pecadores, anjos e potestades do mal, vejam e sintam suas poderosas forças.

A oração de um só homem tem poder e influência e prevalece junto a Deus.

A oração de Elias não é algo protocolário, oficial ou de puro fanatismo. Elias por inteiro, com suas forças e bravura despregadas, se voltava à oração. Para ele, a oração era o meio de projetar a Deus com toda a Sua força sobre o mundo, com o propósito de vindicar Seu Nome, estabelecer Suas leis e defender Seus servos.

Elias orava pondo em perfeita combinação todas as energias espirituais. Suas orações eram fortes, insistentes e irresistíveis em seus elementos de poder. A oração fraca não assegura bons resultados nem traz glória a Deus nem aos homens.

Elias tinha aprendido novas e elevadas lições da oração estando a sós com Deus na torrente de Querite. Sem dúvida, enquanto Acabe o estava procurando por toda parte, ele estava em estreita comunhão com Deus. Após algum tempo, foi a Sarepta, onde Deus ordenou a uma viúva que o sustentasse. Elias foi àquele lugar para seu próprio bem, mas também para benefício daquela mulher.

Enquanto ela providenciou seu alimento, ele, por sua vez, providenciou abundantes provisões para ela. As orações de Elias fizeram mais por aquela viúva do que a sua hospitalidade tinha feito para Elias. A esta mulher lhe esperavam grandes provas e dificuldades, pois sua viuvez e pobreza nos falam das condições em que ela vivia.

Elias tinha sido enviado ali para aliviar sua pobreza e suas penas. Eis o interessante relato da Escritura: *“Depois disto, adoeceu o filho da mulher, da dona da casa, e a doença se agravou tanto, que ele morreu. Então, disse ela a Elias: Que fiz eu, ó homem de Deus? Vieste a mim para trazeres à memória a minha iniquidade e matares a meu filho? Ele lhe disse: Dá-me o teu filho; tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama; então, clamou ao Senhor e disse: Ó Senhor, meu Deus, também a esta viúva, com quem me hospedo, afligiste, matando-lhe o filho? E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao Senhor e disse: Ó Senhor, meu Deus, rogo-Te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele. O Senhor atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu. Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu à sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive. Então, a mulher disse a Elias: Nisto*

conheço agora que tu és homem de Deus, e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade” (1 Reis 17.17-24).

A oração de Elias entrou em regiões espirituais onde nunca tinha entrado antes. As temíveis, poderosas e misteriosas regiões da morte foram invadidas pela presença e pelas demandas da oração de fé.

O Senhor Jesus Cristo se refere a Elias na ocasião de sua ida à casa desta viúva como quase exclusivamente para o bem dela. A presença e a oração deste homem de Deus salvaram esta mulher da inanição e trouxeram a seu filho de volta a esta vida.

Seguramente, há poucas experiências tão amargas como a de perder um único filho. E com que segurança e confiança Elias enfrentou esta situação!

Podemos observar que, segundo o relato bíblico, não existe a menor dúvida nem vacilação em nenhuma de suas ações nem em sua fé no Todo-Poderoso. Elias leva o menino morto ao seu próprio quarto e ali trata do assunto a sós com Deus. O menino tinha sido levado por Deus, que rege o reino da vida e da morte, e Elias cria que só Deus podia trazê-lo de volta.

Deus respondeu à oração do profeta. A resposta foi a prova de que Elias estava cumprindo sua missão divina assim como também demonstrou a veracidade da Palavra de Deus. O menino ressurreto foi uma segura convicção desta verdade: *“Nisto conheço agora que tu és homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade”*. As respostas às orações são as evidências dos filhos de Deus e da verdade de Sua Palavra.

A prova que Elias fez na presença do rei apóstata e frente a uma nação e a um sumo sacerdote idólatra ali no Monte Carmelo é uma sublime demonstração de fé e de oração. Naquela luta, os profetas de Baal tiveram um completo fracasso. Nenhum fogo do céu desceu respondendo aos seus gritos desesperados. Elias, numa grande quietude de espírito e uma firme confiança, convoca o povo de Israel, repara o altar de Deus do sacrifício e coloca os pedaços do novilho em seu devido lugar.

Usou todos os recursos ao seu alcance para que os presentes percebessem que não se tratava de um engano ou de uma ilusão. Encheu o rego ao redor do altar com água e fez uma oração, notável por sua clareza, simplicidade e fé.

Vejamos o registro na própria Escritura: *“No devido tempo, para se apresentar a oferta de manjares, aproximou-se o profeta Elias e disse: Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, fique, hoje, sabido que Tu és Deus em Israel, e que eu sou Teu servo e que, segundo a Tua palavra, fiz todas estas coisas.*

Responde-me, Senhor, responde-me, para que este povo saiba que Tu, Senhor, és Deus e que a Ti fizeste retroceder o coração deles. Então, caiu fogo do Senhor, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e a terra, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que vendo todo o povo, caiu de rosto em terra e disse: O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” (1 Reis 18.36-39).

Elias, como em ocasiões anteriores, tinha estado tratando com Deus. A verdadeira oração sempre trata com Deus.

Esta oração de Elias era para determinar a existência do Deus verdadeiro e a resposta, vinda diretamente de Deus, pôs um ponto final no assunto, além de revelar as credenciais da divina missão de Elias e a evidência do trato de Deus com os homens.

Se tivéssemos mais do espírito de oração que tinha Elias as maravilhas que hoje consideramos como tais deixariam o lugar para outras ainda maiores.

O Senhor disse a Elias: *“Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra”*. Ao receber a ordem divina, Elias agiu diligentemente e foi a Acabe. O povo tinha dado as costas para Deus. O dia chegava ao seu fim. Não havia nenhum tipo de chuva, mas Elias não cruzou os braços crendo que a promessa tinha falhado.

Eis aqui o registro da Escritura com seus maravilhosos resultados: *“Então, disse Elias a Acabe: Sobe, come e bebe, porque já se ouve ruído de abundante chuva. Subiu Acabe a comer e a beber; Elias, porém, subiu ao cimo do Carmelo, e, encurvado para a terra, meteu o rosto entre os joelhos, e disse ao seu moço: Sobe e olha para o lado do mar. Ele subiu, olhou e disse: Não há nada. Então, lhe disse Elias: Volta. E assim por sete vezes. À sétima vez disse: Eis que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem. Então, disse ele: Sobe e dize a Acabe: Aparelha o teu carro e desce, para que a chuva não te detenha. Dentro em pouco, os céus se enegreceram, com nuvens e vento, e caiu grande chuva. Acabe subiu ao carro e foi para Jezreel. A mão do Senhor veio sobre Elias, o qual cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel” (1 Reis 18.41-46).*

A oração importuna de Elias e a promessa feita por Deus trouxeram a chuva. A oração sempre leva a promessa ao seu bendito cumprimento. A oração persistente e perseverante é necessária para dar à promessa seus mais vastos e notáveis resultados.

Elias tinha a resposta naquela nuvem, tão pequena como a palma da mão de um homem e tinha a segurança de seu cumprimento mesmo antes que caísse a chuva.

A oração de Elias deixa envergonhada nossa fraca fé. Sua oração fazia com que se realizassem as coisas desejadas e esperadas. Vindicava a existência e o Nome de Deus, trazia convicção às consciências adormecidas e provava que Deus era ainda o Deus de toda a nação.

Como consequência da oração do profeta, a nação voltou-se para Deus e os inimigos foram deixados envergonhados e derrotados.

A oração do antigo profeta de Israel estava envolta em roupagens de fogo. Que poder tão maravilhoso investiu a Elias nesta ocasião! Não é de admirar que Eliseu, ao ver Elias no carro que o conduzia aos céus, exclamasse: *“Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros!”* (2 Reis 2.12). Onde estão em nossos dias aqueles homens de oração que façam elevar o incenso da oração como o fez Elias? Em nossos dias precisamos de homens dentro da Igreja de Cristo que, com suas próprias orações, possam acrescentar força e poder às orações de Elias.

Elias não tratou de nenhum assunto sem antes orar por este assunto e Deus estava com ele em todo o Seu poder porque Ele era também poderoso.

Diante dos profetas de Baal, Elias vindicou e honrou o Nome de seu Senhor. Deus está vivo? Será que a Bíblia é a autêntica revelação divina? Quantas vezes atualmente ouvimos estas perguntas! E como elas precisariam ser respondidas com poder por cada um dos filhos de Deus!

Uma adequada resposta formada com oração é a resposta mais convincente que podemos dar ao mundo. Onde está, pois, o problema? Certamente, não está em Deus, mas em nossa pobre e escassa oração. A mesma prova de Deus e de Sua existência é que Ele responde a oração, mas são necessárias a fé e a oração de Elias para afirmar esta resposta.

Onde estão os Elias hoje na Igreja? Onde estão os homens inflamados de fé para orar como ele orou? Observe-se com que calma, segurança e confiança ele enfrentou os inimigos e levantou o altar!

A oração de Elias naquela ocasião é um exemplo digno de ser imitado e uma ilustração do que pode fazer a oração quando sai dos lábios e do coração de um homem justo. Os resultados

que Elias obteve poderiam ser os nossos se, em nossa época, tivéssemos mais homens de oração como o profeta.

Quantas orações dos nossos dias são simples fórmulas que só contêm palavras ditas praticamente por casualidade! Muitas destas orações não merecem ser chamadas de orações, pois não chegam a parte alguma, não têm nenhum valor e carecem completamente de resultados.

Os requisitos para a verdadeira oração são os de uma religião vital, escriturística e pessoal. Não existe nenhuma possibilidade de êxito na oração se não orarmos em simplicidade, verdade e realidade. A oração sem sentido como é comum, popular, vã e enganosa!

.oOo.

6

EZEQUIAS, O REI QUE ORAVA

“Uma pessoa pode formar um hábito de estudo até que a vontade pareça estar em repouso e só trabalhe o intelecto. Mas isto não acontece com a verdadeira oração. Se os sentimentos são preguiçosos, frios, indiferentes, se o intelecto está só provendo material para revestir a petição com imaginação e fervor, a oração será um simples exercício intelectual e um esforço (se é que pode ser chamado assim) que não vale a pena”

Homer W. Hodge

A grande obra religiosa sob o rei Ezequias e o profeta Isaías esteve completamente impregnada com oração em suas várias etapas. O rei Ezequias de Judá é um exemplo e ilustração de um verdadeiro ancião de oração na Igreja de Deus.

Ele tinha força e inteligência, sabedoria e piedade. Era um estadista, um general, um poeta e um reformador religioso.

Sua vida nos deixa assombrados, não somente por sua inteligência e força, mas principalmente por sua piedade que o acompanhava em todas as circunstâncias de sua vida.

A declaração: *“Fez ele o que era reto perante o Senhor”* (2 Reis 18.3) nos surpreende se considerarmos seus antecedentes e o ambiente que o cercava. De onde tinha vindo? Sob que circunstâncias foi criado? Quem foram seus pais e qual seu caráter religioso?

O mundanismo, a mornidão de coração e finalmente a apostasia foram os elementos que marcaram o reino de seu pai, de seu avô e de seu bisavô. O meio ambiente em que ele cresceu esteve muito longe de ser favorável à santidade e à fé em Deus. No entanto, houve um fator que o favoreceu; Isaías era seu amigo e conselheiro quando assumiu o trono de Judá. Quanto de valor há em um governador ou em um rei que escolhe um conselheiro sábio!

Com quanto amor orou Ezequias por aqueles que deviam preparar seus corações para sacrificar a Páscoa ao Senhor! Eis aqui um breve relato da oração de Ezequias e de seus resultados: *“Porque havia muitos na congregação que não se tinham santificado; pelo que os levitas estavam encarregados de imolar os cordeiros da Páscoa por todo aquele que não estava limpo, para o santificarem ao Senhor. Porque uma multidão do povo, muitos de Efraim, de Manassés, de Issacar e de Zebulom não se tinham purificado e, contudo, comeram a Páscoa, não como está escrito; porém Ezequias orou por eles, dizendo: O Senhor, que é bom, perdoe a todo aquele que dispôs o coração para buscar ao Senhor Deus, o Deus de seus pais, ainda que não segundo a purificação exigida pelo santuário. Ouviu o Senhor a Ezequias e sarou a alma do povo”* (2 Crônicas 30.17-20).

O Senhor ouviu a oração e, embora se tivesse violado a lei mais sagrada da Páscoa, Deus perdoou aquelas pessoas em resposta à oração de Seu servo.

A força e o fundamento de sua fé e de sua oração se encontram nas palavras dirigidas a seu exército. Elas são palavras memoráveis e muito mais poderosas que os exércitos de Senaqueribe: *“Sede fortes e corajosos, não temais, nem vos assusteis por causa do rei da Assíria, nem por causa de toda a multidão que está com ele; porque um há conosco maior do que o que está com ele. Com ele está o braço da carne, mas conosco, o*

Senhor, nosso Deus, para nos ajudar e para guerrear nossas guerras. O povo cobrou ânimo com as palavras de Ezequias, rei de Judá” (2 Crônicas 32.7-8).

Sua defesa contra os poderosos inimigos de Deus era a oração. Seus inimigos foram destruídos por suas orações, ainda que seus próprios exércitos carecessem de poder. O povo de Deus sempre habitava seguro quando seus príncipes eram homens de oração.

Uma provação muito severa veio sobre eles nos dias de Ezequias quando Judá estava oprimida pelos assírios e a derrota e o cativeiro pareciam iminentes e inevitáveis. O rei da Assíria enviou uma comissão para desafiar e blasfemar contra o Nome de Deus e para insultar publicamente o rei Ezequias.

Observemos o que Ezequias fez imediatamente: *“Tendo o rei Ezequias ouvido isto, rasgou as suas vestes, cobriu-se de pano de saco e entrou na Casa do Senhor” (2 Reis 19.1).*

Sua primeira impressão foi voltar-se para Deus, indo à “casa de oração”. Deus estava de forma permanente em seus pensamentos e a oração era o primeiro recurso. Então enviou mensageiros a Isaías para que se juntassem em oração. Em uma emergência de tal envergadura, deve apelar-se ao Senhor para buscar libertação da parte destes inimigos blasfemos de Deus e de Seu povo.

Neste preciso momento, as forças do rei da Assíria, que ameaçavam a Ezequias, foram desviadas de um ataque imediato à cidade de Jerusalém. No entanto, o rei da Assíria enviou a Ezequias uma carta cheia de difamação e de blasfêmias.

Sendo insultado por este rei ateu pela segunda vez, Ezequias volta à Casa do Senhor, à “casa de oração”. Aonde ele poderia ir e a quem poderia recorrer senão ao Deus de Israel?

“Tendo Ezequias recebido a carta das mãos dos mensageiros, leu-a; então, subiu à Casa do Senhor, estendeu-a perante o Senhor e orou perante o Senhor, dizendo: Ó Senhor, Deus de Israel, que estás entronizado acima dos querubins, Tu somente és o rei de todos os reinos da terra; Tu fizeste os céus e a terra... Agora, pois, ó Senhor, nosso Deus, livra-nos das suas mãos, para que todos os reinos da terra saibam que só Tu és o Senhor Deus” (2 Reis 19.14-15, 19).

Observe-se a rápida resposta e o maravilhoso resultado da súplica deste homem de oração. Em primeiro lugar, Isaías garantiu ao rei que não tinha o que temer. Deus tinha ouvido a oração e lhe daria libertação.

A seguir, neste segundo ataque, o Anjo do Senhor, eliminou a 185.000 assírios. O rei foi vindicado, Deus foi honrado e Seu povo foi salvo.

As orações unidas do rei Ezequias e do profeta Isaías foram forças poderosas que trouxeram a liberação do povo de Deus e a destruição de seus inimigos.

Até as hostes celestiais, com seus potentíssimos recursos, agiram como aliadas suas.

Ezequias era um verdadeiro homem de oração, destruindo a idolatria e reformando seu reino. Quando precisou enfrentar seus inimigos, a oração foi sua arma mais valiosa.

Mas agora chega a ocasião em que usa esta eficácia contra os decretos de Deus. Será isto de utilidade?

Vejam os que nos diz o relato bíblico. Ezequias estava muito enfermo e Deus lhe enviou seu amigo e conselheiro, o profeta Isaías, para adverti-lo que seu fim estava próximo e, portanto, deveria pôr em ordem todos os seus assuntos.

“Naqueles dias, Ezequias adoeceu de uma enfermidade mortal; veio ter com ele o profeta Isaías, filho de Amoz, e lhe disse: Assim diz o Senhor: Põe em ordem a tua casa, porque morrerás e não viverás” (2 Reis 20.1).

O decreto de Deus era que Ezequias devia morrer. O que poderia mudar este decreto dos céus? Ezequias nunca se tinha encontrado numa condição tão séria diante de um decreto tão direto e definido por Deus. Pode a oração mudar os propósitos de Deus? Pode ela afastar da morte alguém que tenha sido destinado a morrer? Pode a oração salvar alguém de uma enfermidade incurável?

Estas eram as perguntas às quais a fé daquele grande rei tinha que responder. Sua fé não se afastou dele nem por um momento, mesmo diante das palavras do profeta enviado por Deus.

Imediatamente entregou-se à oração, dirigindo-se a Deus, que tinha promulgado o decreto. E a quem mais poderia recorrer? Não poderia Deus mudar Seus propósitos, se assim Ele o desejasse?

Note-se o que fez Ezequias nesta emergência e vejam-se os resultados: *“Então virou Ezequias o rosto para a parede e orou ao Senhor, dizendo: Lembra-Te, Senhor, peço-Te, de que andei diante de Ti com fidelidade, com inteireza de coração. E fiz o que era reto aos Teus olhos; e chorou muitíssimo”* (2 Reis 20.2-3).

Esta oração do rei não foi feita para exibir sua justiça perante Deus, mas para recordar-Lhe sua fidelidade, da mesma maneira como Jesus Cristo o fez muitos anos depois: *“Pai... Eu Te glorifiquei na terra”* (João 17.4).

Esta oração seguia na linha daquela de Davi no Salmo 26.1: *“Faze-me justiça, Senhor, pois tenho andado na minha integridade e confio no Senhor, sem vacilar”*.

Não se trata de uma prova da oração de Ezequias, nem tampouco de uma cura de fé, mas uma prova de Deus. Se a sanidade há de vir, tem que ser de Deus.

Mal Ezequias terminou sua oração e Deus deu a Isaías outra mensagem antes de ir-se para casa. Desta vez, muito mais agradável e reconfortante. A poderosa força da oração tinha feito com que Deus mudasse Seu propósito concernente a Ezequias. E que é o que a oração não pode fazer? Que é o que o filho de Deus não pode conseguir por meio da oração?

“Antes que Isaías tivesse saído da parte central da cidade, veio a ele a palavra do Senhor, dizendo: Volta e dize a Ezequias, príncipe do Meu povo: Assim diz o Senhor, o Deus de Davi, teu pai: Ovi a tua oração e vi as tuas lágrimas; eis que Eu te curarei; ao terceiro dia, subirás à Casa do Senhor. Acrescentarei aos teus dias quinze anos e das mãos do rei da Assíria te livrarei, a ti e a esta cidade; e defenderei esta cidade por amor de Mim e por amor de Davi, Meu servo” (2 Reis 20.4-6).

A oração era dirigida a Deus, o único que podia reconsiderar uma mudança naquela situação. Sem dúvida, Isaías voltou para sua casa com o coração mais leve e alegre do que no princípio, quando veio dar a mensagem inicial.

Deus tinha respondido a oração de Seu servo doente e tinha revogado Seu decreto. Às vezes, Deus muda Sua decisão; Ele tem direito de fazê-lo e Suas razões são razões de peso. Seu servo Ezequias o queria assim; ele tinha sido um servo fiel que tinha feito muito pela causa do Senhor. A oração e as lágrimas são muito poderosas perante Deus. Elas têm muito mais consistência do que os próprios decretos. *“Ovi a tua oração e vi as tuas lágrimas; eis que Eu te sararei”*.

A enfermidade desapareceu ante o poder da oração e a saúde voltou como resultado dela. E Deus ainda respondeu a Ezequias dando-lhe mais do que ele tinha pedido. O rei tinha orado somente por vida; Deus lhe deu a vida e ainda acrescentou a promessa de proteção frente a seus inimigos.

Mas o profeta Isaías tinha algo a ver com a recuperação do rei. A oração de Isaías converteu-se na habilidade de um médico. *“Disse mais Isaías: Tomai uma pasta de figos; tomaram-na e a puseram sobre a úlcera; e ele recuperou a saúde”* (2 Reis 20.7).

Respondendo à oração, muitas vezes Deus faz uso de remédios. É necessária mais fé para elevar-se por cima de todos os meios e não confiar neles do que para rejeitá-los por completo. Era um simples remédio que todos sabemos que não cura uma enfermidade mortal, mas constituía-se num meio para provar a fé. Mas ainda era necessária mais oração.

Tanto Isaías quanto Ezequias não podiam fazer as coisas sem orar. *“Ezequias disse a Isaías: Qual será o sinal de que o Senhor me curará e de que, ao terceiro dia, subirei à Casa do Senhor? Respondeu Isaías: Ser-te-á isto da parte do Senhor como sinal de que Ele cumprirá a palavra que disse: Adiantar-se-á a sombra dez graus ou os retrocederá? Então, disse Ezequias: É fácil que a sombra adiante dez graus; tal, porém, não aconteça; antes, retroceda dez graus. Então, o profeta Isaías clamou ao Senhor. E fez retroceder dez graus a sombra lançada pelo sol declinante no relógio de Acáz”* (2 Reis 20.8-11).

Ezequias apresenta sua ação de graças pela resposta à sua oração. Ali estão a fragrância das doces especiarias e a melodia da harpa que uma alma agradecida eleva a seu Senhor.

Tenhamos em mente quatro coisas: Deus ouve a oração, lhe dá a devida atenção, a responde e outorga liberação por meio dela. Nunca será demais repetirmos estes quatro pontos.

A oração rompe todas as barreiras, corta todas as cadeias, abre todas as prisões e caminhos favoráveis aos filhos de Deus.

Ezequias desejava viver, mas o que podia mudar o decreto de Deus? Nada, a não ser a energia da fé.

O coração de Ezequias estava quebrantado e suas lágrimas acrescentaram força e volume à sua oração.

Ele rogou com poderosos motivos e fortes argumentos e Deus ouviu a oração de Ezequias, viu suas lágrimas e mudou Seu decreto. Ezequias sarou e viveu para louvar a Deus e ser um exemplo vivente do poder da oração eficaz.

Como Ezequias, também o apóstolo Paulo era um lutador na oração. Em Romanos 15.30, lemos assim: *“Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor”*. Paulo desejava que os irmãos fossem participantes do seu conflito e das lutas de sua alma.

Epafra fazia o mesmo tipo de oração a favor dos Colossenses: *“Saúda-vos Epafra, que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus”* (Colossenses 4.12).

Este tipo de oração pelos primeiros líderes da Igreja Apostólica era o segredo da pureza e a fonte do poder da Igreja. E este era precisamente o tipo de oração que tinha pronunciado Ezequias.

Eis aqui a oração nascida no fogo de um grande desejo e continuada através de uma profunda agonia, conflito e oposição ao êxito. Será que nossos anelos não são suficientemente fortes e intensos como para dar vida aos poderosos conflitos da oração? Será que eles não são suficientemente absorventes como para deter qualquer negócio ou interesse mundano e, logo no início do dia, fazer-nos elevar nossas orações a Deus para conquistar as vitórias das fauces do inferno?

Precisamos de homens e de mulheres que possam mostrar o uso, as forças, as bênçãos e os ilimitados recursos da oração. Isaías lamentava-se que não houvesse ninguém capaz de segurar-se espiritualmente em Deus e em Suas promessas. Faziam-se muitas orações, mas estas eram fracas, indiferentes e fáceis. Não havia poderosos movimentos da alma rumo a Deus, nem energias espirituais que pudessem alcançar os tesouros dos céus.

.oOo.

7

ESDRAS, O REFORMADOR QUE ORAVA

“Antes da Grande Guerra, havia muitos sinais de interesse na oração e uma nova esperança como resultado de seu exercício. Pelo menos isto é uma coisa boa que a Guerra nos deixou. Não percamos nossa

oportunidade. A oração não é um exercício fácil. Requer valor, exposição e treinamento. Nunca houve tempo em que os homens e mulheres estivessem mais ansiosos para aprender a orar. A oração é nossa arma mais poderosa e, se vamos usá-la como Deus deseja, devemos pôr toda nossa ênfase em exercitá-la continuamente”

James Hastings

Esdras, o sacerdote, e um dos mais antigos reformadores de Deus, aparece no Antigo Testamento como um homem de oração, alguém que faz uso dela para enfrentar as dificuldades e trazer as promessas de Deus ao seu cumprimento final.

Esdras voltou da Babilônia sob o governo do rei da Babilônia, que, de maneira muito estranha, apreciava-o e o favorecia de diversas maneiras.

Esdras tinha estado em Jerusalém apenas por alguns dias, quando chegou a terrível notícia de que o povo de Deus não se havia separado das pessoas daquele país e estavam cometendo as mesmas iniquidades que aquelas nações pagãs. E o pior era que os príncipes e governadores de Israel tinham sido os primeiros a violar a Lei de Deus.

Esdras tinha que enfrentar-se com seu povo tomado pelo mundanismo, o que se constituía num assunto muito sério e delicado.

Em todas as épocas Deus requer que o Seu povo e a Sua Igreja vivam separados do mundo, com uma separação tal que chegue a produzir antagonismo. Para conseguir isto, Ele pôs Israel na Terra Prometida e o separou de outras nações por meio de montanhas, desertos e mares, além de insistir drasticamente que não formassem nenhum relacionamento marital, social ou comercial com as nações vizinhas.

Mas Esdras, ao regressar de Babilônia, encontrou o povo em Jerusalém paralisado e prostrado em consequência da violação deste princípio. Eles tinham-se casado uns com os outros, e ainda estavam fazendo negócios com as nações gentias. Todos estavam envolvidos nesta desobediência: sacerdotes, levitas, príncipes e o povo em geral. Que se podia fazer? Eis a interrogação que Esdras, este líder de Israel, teve que enfrentar.

Tudo parecia estar contra o restabelecimento e a recuperação de Israel. Esdras não poderia pregar-lhes porque

toda a cidade se voltaria contra ele e o rejeitariam. Que força poderia fazê-los voltar a Deus e dissolver seus negócios, matrimônios e amizades com aquelas nações?

O primeiro a dizer é que Esdras viu e percebeu a seriedade da situação. Não era um otimista de olhos fechados como aqueles que nunca veem nada de errado na Igreja. Tampouco minimizou a multidão de seus delitos, nem procurou atenuar a magnitude de seus pecados. Nossa Igreja de hoje precisa de líderes que sigam a linha de Esdras, que não era cego em suas apreciações, nem se negou a ver os problemas e reconhecer sua gravidade.

É muito natural que, ao ver seu povo neste estado, se sentisse muito consternado. A triste condição da situação lhe causou tal pena que rasgou suas vestes, arrancou seus cabelos e sentou-se aturdido. E foi neste profundo estado que se entregou à oração, para confessar os pecados do povo e pedir perdão e misericórdia da parte de Deus. A quem mais poderia ter procurado em tal situação senão ao Deus Todo-Poderoso?

Esdras, assombrado e entristecido pela péssima conduta do povo, começou a jejuar e a orar. A oração e o jejum sempre trazem resultados muito especiais. Esdras orou com um coração quebrantado, prostrado no chão e chorando, enquanto que toda a cidade se lhe uniu em oração.

Esdras foi um maravilhoso reformador; começou sua grande obra por meio da oração e conseguiu resultados verdadeiramente extraordinários. Toda sua obra, seus princípios e o resultado estão resumidos em um único versículo: Esdras 10.1: *“Enquanto Esdras orava e fazia confissão, chorando prostrado diante da Casa de Deus, ajuntou-se a ele de Israel mui grande congregação de homens, de mulheres e de crianças; pois o povo chorava amargamente”*.

Aquelas orações simples, mas perseverantes, tinham conseguido seu propósito. A oração de Esdras foi uma oração poderosa, pois fez Deus executar Sua própria obra e promover uma saída para aquela situação angustiada.

Novamente devemos dizer que a oração teve a ver só com Deus. Qualquer que tenha sido a influência que a oração de Esdras tenha tido sobre ele mesmo e sobre a situação em geral, foi porque Deus moveu Seu braço para executar a mudança.

Um grande arrependimento geral seguiu à oração de Esdras e realizou-se uma extraordinária reforma em Israel. Seus

gemidos e sua oração foram os grandes fatores que intervieram para que isto acontecesse.

Tão absoluto foi o avivamento que aconteceu que, como evidência de sua autenticidade, os líderes de Israel vieram a Esdras com estas palavras: *“Nós temos transgredido contra o nosso Deus, casando com mulheres estrangeiras, dos povos de outras terras, mas, no tocante a isto, ainda há esperança para Israel. Agora, pois, façamos aliança com o nosso Deus, de que despediremos todas as mulheres e todos os seus filhos, segundo o conselho do Senhor e o dos que tremem ao mandado do nosso Deus; e faça-se segundo a Lei. Levanta-te, pois, esta coisa é de tua incumbência, e nós seremos contigo; sê forte e age”* (Esdras 10.2-4).

.oOo.

8

NEEMIAS, O CONSTRUTOR QUE ORAVA

“O importante é um servo de Deus; não são suas habilidades naturais ou sua eficaz oratória perante os homens. A grande verdade é a seguinte: A verdadeira medula espiritual do ministro de Deus é a oração e ninguém poderá chegar a ser um verdadeiro homem de oração a menos que esteja disposto a pagar o preço. Estou convencido de que a diferença entre os santos como Wesley, Fletcher, Edwards, Braidnerd, Bramwell, Bounds e nós mesmos é a energia, perseverança e invencível determinação para ter êxito ou sucumbir no intento. Que o Senhor nos ajude!”

Homer W. Hodge

Ao enumerar os santos de oração do Antigo Testamento, não podemos deixar de fora a Neemias, pois ele está no mesmo nível dos outros que já consideramos.

Na história da reconstrução de Jerusalém após o cativeiro babilônico, Neemias ocupa um papel predominante e durante todos estes anos a oração passa a ser parte essencial do seu viver diário.

Neemias estava cativo em Babilônia e ocupava uma importante posição no palácio do rei, onde era copeiro. Devia ter suficientes méritos para fazer com que o rei tomasse um hebreu cativo como ele e o pusesse em tal posição, onde tinha a seu cuidado até a vida do rei, pois era o responsável pelo vinho que o rei bebia.

Foi enquanto Neemias estava na Babilônia, no palácio do rei, que um dia seus irmãos vieram de Jerusalém e lhe deram informações sobre a cidade. Estas informações diziam que os muros estavam derrubados, os portões queimados pelo fogo e o remanescente do povo que tinha ficado estava em grande aperto e aflição.

Um único versículo nos dá o efeito que estas notícias causaram em Neemias: *“Tendo eu ouvido estas palavras, assentei-me, e chorei, e lamentei por alguns dias; e estive jejuando e orando perante o Deus dos céus”* (Neemias 1.4).

Eis aqui um homem cujo coração estava em sua terra natal, longe de onde estava vivendo. Neemias amava a Israel e estava preocupado pelo bem-estar de Sião. Profundamente entristecido pela informação trazida pelos seus irmãos acerca de Jerusalém, se pôs a jejuar e a orar.

Quão poucos são os homens de hoje que choram pelas maldades e abominações de sua época! Quão poucos são os que, vendo as desolações de Sião, estão o suficientemente interessados e preocupados pelo bem-estar da Igreja, pondo-se a orar e a jejuar!

O gemer e o chorar sobre uma religião decadente são quase desconhecidos em nossos dias. Há tanto “otimismo” da parte dos líderes que seus olhos estão fechados e não podem ver a derrubada dos muros de Sião e o baixo estado espiritual dos cristãos de nossos dias.

Neemias se lamentou sobre Sião e, neste estado de consternação, fez o mesmo que os outros santos da Escritura: apresentou o problema a Deus, fazendo dele um motivo de oração.

A oração registrada por Neemias no primeiro capítulo é um modelo para seguir e imitar. Começa com adoração, faz confissão de pecados de sua nação, reclama as promessas de Deus, menciona as misericórdias anteriores e pede perdão.

A seguir, com seu olhar posto no futuro (pois já tinha planejado pedir licença ao rei para visitar Jerusalém), o ouvimos orar por algo muito especial: *“Ah! Senhor, estejam, pois, atentos os Teus ouvidos à oração do Teu servo e às dos Teus servos que se agradam de temer o Teu Nome; concede que seja bem sucedido hoje o Teu servo e dá-lhe mercê perante este homem. Nesse tempo eu era copeiro do rei”* (Neemias 1.11).

Pode parecer sensato Neemias orar por seu povo e por sua cidade, mas não por um rei pagão que não estava interessado nessa cidade e nem nos habitantes de uma terra cativa. Mas Neemias cria num Deus que podia influenciar até na mente de um governante ateu e movê-lo favoravelmente ao pedido de Seu servo.

Neemias se apresentou perante o rei e Deus usou sua expressão de rosto triste para atrair a atenção de Artaxerxes e ganhar o seu consentimento. O rei perguntou-lhe qual era a causa de sua tristeza e como resposta à petição de Neemias não só permitiu ir a Jerusalém, mas também lhe fez provisão de tudo quanto fosse necessário para sua viagem e para o bom êxito de seu empreendimento.

A intensa e persistente oração de Neemias prevaleceu. Deus pode afetar a mente e o parecer de um governante ateu e o pode fazer em resposta à nossa oração.

O caso de Ester é um paralelo com o de Neemias, pois ela também convocou o seu povo para jejuar e orar antes de apresentar-se perante o rei. Como resultado, o rei mostrou-se favorável a Ester e lhe estendeu seu cetro de ouro.

Mas Neemias não deixou de orar, nem mesmo depois de conseguir êxito em sua petição. Ao construir o muro de Jerusalém, encontrou uma grande oposição da parte de Sambalate e de Tobias, que ridicularizavam dos esforços do povo para reconstruir os muros caídos da cidade.

Sem desanimar e nem temer as críticas e as burlas, Neemias continuou com sua obra para a causa de Deus, fazendo também disto um motivo de oração: *“Ouve, ó nosso Deus, pois estamos sendo desprezados; caia o seu opróbrio sobre a cabeça deles; e faze que sejam despojo numa terra de cativo”* (Neemias 4.4). E, continuando, o relato diz assim: *“Nós oramos ao nosso*

Deus e, como proteção, pusemos guarda contra eles, de dia e de noite” (Neemias 4.9).

Em todos os seus relatos, vemos que a oração era parte inseparável da vida de Neemias. Mesmo depois de os muros terem sido reparados, estes mesmos inimigos se opuseram à continuação do trabalho, mas Neemias continuou orando. Eis aqui o relato de sua oração: *“Agora, pois, ó Deus, fortalece as minhas mãos” (Neemias 6.9).*

Quando Sambalate e Tobias mandaram um emissário ao rei para estorvar e aterrorizar a Neemias, o encontramos repelindo este novo ataque voltando-se a Deus em oração: *“Lembra-Te, meu Deus, de Tobias e de Sambalate, no tocante a estas suas obras, e também da profetiza Noadia e dos mais profetas que procuram aterrorizar-me” (Neemias 6.14).*

Deus respondeu a Seu fiel servo e desarmou os planos malvados dos oponentes de Israel.

Neemias descobriu, para sua surpresa, que os levitas não tinham recebido sua porção e, como resultado disso, a casa de Deus estava abandonada.

Tomou as providências necessárias para assegurar-se que se ofertasse como era devido e que a casa de Deus fosse aberta para todos os serviços e nomeou tesoureiros para que se encarregassem destes assuntos especiais.

A continuação, transcrevemos sua oração nesta ocasião: *“Por isto, Deus meu, lembra-Te de mim e não apagues as beneficências que eu fiz à casa de meu Deus e para o seu serviço” (Neemias 13.14).*

Não pensemos que esta oração foi semelhante à que fez o fariseu nos tempos de nosso Senhor Jesus Cristo quando foi ao templo a orar para destacar sua justiça perante Deus (Lucas 18.11-12).

Esta é uma oração que segue na linha daquela de Ezequias, o qual recordou ao Senhor a sua fidelidade e a sinceridade de seu coração andando em Seus caminhos.

Uma vez mais, Neemias encontra grande maldade entre o povo de Deus. Além de descobrir o mal da casa do Senhor estar fechada, viu também que o dia de repouso era violado e não somente teve que aconselhar e corrigir ao seu povo, mas teve que exercer sua autoridade, caso eles não acabassem com o costume de comprar e de vender no dia de sábado.

Neemias também tratou desta parte de sua obra em oração e eis aqui o registro que a Escritura nos dá: *“Também mandei aos levitas que se purificassem e viessem guardar as portas, para*

santificar o dia de sábado. Também nisto, meu Deus, lembra-Te de mim; e perdoa-me segundo a abundância da Tua misericórdia” (Neemias 13.22).

Finalmente, como reformador, descobriu outra grande maldade entre o povo. Tinham-se casado com homens e mulheres de Asdode, de Amom e de Moabe.

Contendeu com eles e repreendeu-os e fez com que o povo tomasse atitudes que corrigissem este pecado. Eis aqui sua oração a respeito: *“Limpei-os, pois, de toda estrangeirice e designei o serviço dos sacerdotes e dos levitas, cada um no seu mister”* (Neemias 13.29).

Tendo-os limpado de toda contaminação com os estrangeiros, trata dos sacerdotes e dos levitas e ora a *mim, Deus meu, para o meu bem”* (Neemias 13.31).

Que ditosa é a igreja cujos líderes são homens de oração! Que feliz é a congregação que tem líderes capazes de firmar-se na oração! A oração ajuda a construir igrejas e a levantar as paredes do sítio de adoração.

Ainda derrota os oponentes daqueles que prosseguem com seriedade nas empresas de Deus e influi de maneira sumamente favorável sobre as mentes dos que não estão conectados com a Igreja, atraindo-os para as coisas espirituais. Ajuda os que estão ocupados na causa de Deus e têm a seu encargo anunciar o testemunho cristão por este mundo.

.oOo.

9

SAMUEL, O FILHO DE ORAÇÃO

“Jerônimo deixou de lado seus vários compromissos e se dedicou a cumprir o chamado de Deus, isto é, traduzir as Sagradas Escrituras. Sua congregação era muito maior do que muitas de nossos dias, mas ele disse às pessoas: ‘Agora é necessário que as Escrituras sejam traduzidas; procurem outro ministro. Eu estou

comprometido com este trabalho e não voltarei até terminá-lo'. Então ele saiu de sua cidade e trabalhou na tradução até terminar a Vulgata Latina. Nós também deveríamos dizer a nossos amigos: 'Devo afastar-me agora e buscar a Deus em oração'. E, embora não tenhamos Vulgatas a traduzir, nosso trabalho terá um caráter imortal: Dar a glória a Deus".

C. H. Spurgeon

Samuel foi concebido e trazido a este mundo graças à oração específica de sua mãe. Nasceu de uma mulher de oração cujo coração estava cheio de um fervoroso desejo de ter um filho.

A oração de Ana foi acompanhada por um voto: “Ao Senhor o darei por todos os dias de sua vida” (1 Samuel 1.11). Em respeito e em cumprimento a este voto, esta mãe o pôs em contato direto com o ministro do santuário e sob a influência da “casa de oração”.

Assim, não é ficarmos admirados que este menino se convertesse num homem de oração. Tal meio ambiente sempre contribuirá para fixar a imagem de uma vida santa e consagrada na mente infantil, moldando seu caráter e determinando seu destino.

Samuel estava num lugar e ambiente favorável para ouvir a Deus quando Este lhe falasse. Foi, portanto, muito natural que, ao ouvir o terceiro chamado do céu e ser instruído por Eli quanto a reconhecer a voz de Deus, este menino respondesse tão prontamente: “Fala, porque o Teu servo ouve” (1 Samuel 3.10).

Se tivesse nascido de uma mãe diferente e tivesse sido colocado num ambiente diferente e com outras influências não teria demonstrado tais obediência e submissão, e isto o levou a render a Deus toda a sua vida.

Uma mãe sem esta piedade e fidelidade e um lar sem esta santidade nunca teriam podido produzir um filho como Samuel.

Está você disposto a consagrar seu filho desde pequeno, separando-o do mundo e fazendo dele um servo de Deus? Ponha-o sob a influência da oração, em contato permanente com a casa de Deus e com verdadeiros homens e mulheres de Deus.

Samuel conheceu a Deus em sua meninice e, como consequência, O conheceu em sua idade madura. Sempre esteve disposto a obedecê-lo e a comunicar-se com Ele em oração.

Se nascessem mais meninos de mães que oram e fossem criados num ambiente são e em contato com homens e mulheres de Deus, o resultado seria jovens dispostos e preparados para ouvirem o chamado de Deus e responderem prontamente a Ele, consagrando-Lhe sua vida.

Desejamos ter homens de oração em nossas igrejas? Então devemos ter mães que saibam orar, lares onde a oração seja um exercício e uma disciplina constantes e ambientes que impregnem a mente dos meninos deste santo exercício.

Os líderes como Samuel vêm de mães e de lares onde se consagra tempo e se dá importância à oração.

Durante muitos anos, Israel esteve sob o jugo dos filisteus e a arca, em casa de Aminadabe, cujo filho Eleazar foi separado para manter este santo testemunho de Deus. O povo tinha caído na idolatria e Samuel estava perturbado por causa da condição religiosa da nação. A arca estava ausente e o povo dava as suas costas para Deus.

Fazendo um urgente chamado para que abandonassem os ídolos, Samuel os exortou a que se preparassem e dispusessem seu coração para servir a Deus, prometendo-lhes que Ele os libertaria das mãos dos filisteus. Sua pregação ao povo, embora simples, causou uma profunda impressão e trouxe frutos bem positivos. *“Então, os filhos de Israel tiraram dentre si os baalins e os astarotes e serviram só ao Senhor”* (1 Samuel 7.4).

Mas isto não era suficiente. A oração deveria estar acompanhada de uma reforma, de modo que Samuel, fiel a suas convicções quanto à oração, disse ao povo: *“Congregai todo o Israel em Mispa, e orarei por vós ao Senhor”* (1 Samuel 7.5).

Enquanto Samuel estava orando a favor destes malvados israelitas, os filisteus se aproximaram prontos a lutar contra a nação, mas o Senhor interveio no momento crítico e derrotou por completo a estes inimigos do Senhor. *“Enquanto Samuel oferecia o holocausto, os filisteus chegaram para a peleja contra Israel; mas trovejou o Senhor aquele dia com grande estampido sobre os filisteus e os aterrou de tal modo que foram derrotados diante dos filhos de Israel”* (1 Samuel 7.10).

Felizmente, a nação contava com um homem que sabia como e quando orar e que tinha influência sobre Deus.

Mas a oração de Samuel não terminou aqui. Ele julgou a Israel todos os dias de sua vida e, de ano em ano, tinha oportunidade de fazer uma viagem para Betel, Gilgal e Mizpa.

Depois voltava a seu lar em Ramá, onde residia *“e edificou ali um altar ao Senhor”*.

Eis aqui um altar de sacrifício e também de oração. Embora fosse um altar em benefício da comunidade onde vivia, não devemos esquecer que também deve ter sido um altar familiar, ou altar onde se oferecia o sacrifício pelo pecado e onde, ao mesmo tempo, sua família se reunia para a adoração, o louvor e a oração.

Seu lar era um lugar diferente, onde o pai e a mãe invocavam o Nome do Senhor, separando seu lar dos lares idólatras e mundanos que o rodeavam.

Eis aqui um exemplo de um verdadeiro lar religioso naquela época tão mundana e irreverente. Bendito é o lar que tem um altar de oração, onde diariamente se elevam ações de graças ao céu e se recebem os favores e a misericórdia de Deus.

Samuel não era somente um sumo sacerdote consagrado à oração, um líder e um mestre, mas também um pai sábio. E qualquer um que conheça e esteja consciente da situação moral e espiritual de nossos dias, saberá quanta necessidade temos de pais e mães consagrados à oração.

Ê precisamente pela ausência deles que começa a queda da vida religiosa da família e, a seguir, de toda a comunidade. O verdadeiro avivamento deve começar no lar.

A história nos diz que esta nação chegou a um ponto de verdadeira crise. As pessoas desejavam um reino com um rei humano e não queriam aceitar a Deus como o seu rei, como sempre tinha sido antes.

Assim, pois, vieram a Samuel com ousadia e lhe disseram: *“Constitui-nos, pois, agora, um rei sobre nós, para que nos governe, como o têm todas as nações”* (1 Samuel 8.5). Isto desagradou a este homem de Deus, que era zeloso pelo Nome e pela honra de seu Senhor.

Quem é que não ficaria admirado e, ao mesmo tempo, entristecido com tal pedido? No entanto, o Senhor o socorreu com palavras reconfortantes, dizendo-lhe que não tinham rejeitado ao homem, mas a Deus. *“Atende à voz do povo em tudo quanto te diz, pois não te rejeitou a ti, mas a Mim, para Eu não reinar sobre ele”* (1 Samuel 8.7).

Mas Samuel não desperdiçou a ocasião com lamentos e tristeza somente, mas a Escritura nos diz: *“Então, Samuel orou ao Senhor”*. E com mais razão agora se entregaria à oração estando para ocorrer uma total revolução na forma de governo

da nação e o povo rejeitando a Deus como seu governador para escolher um rei humano!

Devemos orar pelos assuntos relacionados com o governo de nossas nações. A Escritura nos ordena apresentar os líderes que regem nosso país a Deus em oração. Assim cometeriam menos erros e injustiças os nossos políticos, reis, governadores, etc.

Mas este não era o fim deste estudo. Deus devia mostrar de maneira definitiva Seu desapontamento pelo que o povo tinha solicitado, de maneira que as pessoas percebessem que tinham cometido um grande erro, embora Deus tivesse atendido sua solicitação. Deveriam estar bem conscientes de que Deus ainda existia e que tratava com Seu povo da maneira como Ele queria.

As orações de Samuel contribuíram então para que uma vez mais se levassem a bom termo os propósitos de Deus. Samuel reuniu toda a gente e os advertiu do que o Senhor faria com eles. Então invocou a Deus que, em resposta, enviou uma tremenda tempestade com trovões e chuva que aterrou a todo o povo e lhes fez saber seu grande pecado ao pedir um rei humano. Tão assustados estavam todos que chamaram a Samuel para que orasse a favor deles e os salvasse do que parecia ser uma destruição total. Samuel orou e Deus lhe respondeu, fazendo cessar os trovões e a chuva.

Outro incidente na vida de Samuel, referente à oração, se relaciona com o rei Saul. Este tinha recebido a ordem de destruir todos os amalequitas com todas as suas possessões. Mas Saul, desobedecendo as instruções divinas, perdoou a vida do rei Agague e também preservou o melhor do gado dos amalequitas, argumentando que o povo assim o queria.

Deus deu então a Samuel a seguinte mensagem: *“Arrependo-Me de haver constituído Saul rei, porquanto deixou de Me seguir e não executou as Minhas palavras”* (1 Samuel 15.11).

“Então, Samuel se contristou e toda a noite clamou ao Senhor”. Aquela declaração divina era suficiente para produzir um profundo pesar na alma de um homem como Samuel, que amava a sua nação e era sincero para com Deus.

A tristeza da alma devida aos males que afligem a Igreja sempre levará os homens de Deus a cair de joelhos. Certamente, Samuel levou o caso a Deus. O assunto era sério demais para que não o tratasse em oração. Tão turbada estava a alma de Samuel que orou a noite inteira pelo problema. Ele não podia fechar os olhos e ficar indiferente, deixando passar sem falar

com Deus, pois todo o futuro e o bem-estar de Israel estava na corda bamba.

.oOo.

10

DANIEL, O CATIVO QUE ORAVA

“Os homens de oração têm sido sempre homens de poder. Perguntemos a qualquer companheiro porque os homens de poder no mundo têm sido homens de oração. Tomemos apenas um exemplo: Onde procurar homens de esperança nos dias de desespero? É na reunião de oração, pois é ali que são encontrados homens cheios de esperança e de fé”

Winnington Ingram

Enquanto estava na Babilônia, Daniel recebeu a ordem por decreto do rei enquanto estava na Babilônia que não devia adorar ou dirigir qualquer petição a Deus por trinta dias, sob pena de ser atirado à cova dos leões.

Mas Daniel não prestou nenhuma atenção àquela lei, pois a Escritura nos diz o seguinte: *“Daniel, pois, quando soube que a escritura estava assinada, entrou em sua casa e, em cima, no seu quarto, onde havia janelas abertas do lado de Jerusalém, três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus, como costumava fazer”* (Daniel 6.10).

Não esqueçamos que este era um hábito regular para este homem de Deus. E qual foi o resultado de sua oração? Precisamente como esperava. Deus enviou um anjo que fechou a boca dos leões, de maneira que nem sequer um cabelo de sua cabeça foi tocado, conseguindo ali uma libertação total.

Também em nossos dias, a libertação para os filhos de Deus vem quando estes dobram seus joelhos e se prostram a orar como aqueles santos da antiguidade.

Daniel não se esqueceu de seu Senhor enquanto estava em terra estrangeira, longe da casa de Deus e dos serviços religiosos, privado de muitos privilégios de sua fé. Este jovem estava decidido a ser fiel a Deus, mesmo sob as condições mais desfavoráveis.

Ele provou de maneira conclusiva que se pode ser um servo fiel ainda que o meio que nos envolve seja pagão e ímpio.

No que se refere ao temor a Deus, os homens e mulheres que formavam o ambiente de Daniel eram completamente ateus e pagãos. Não havia templo para a adoração, nem sábado a guardar, nem a Palavra de Deus para ser lida.

Mas ele tinha uma grande ajuda da qual não podia ser privado e eram suas orações secretas.

Daniel tinha proposto em seu coração não contaminar-se com a comida do rei e nem com o seu vinho. Desejava manter-se afastado e alheio a tudo aquilo que se relacionasse com o meio ímpio que o rodeava.

Mas o caminho que Daniel devia percorrer era qualquer coisa menos um mar de rosas. Devia tratar com o tirano e irracional rei Nabucodonosor, que o submeteria a provas mui duras.

Este rei teve um sonho muito estranho. Os detalhes do sonho fugiram de sua memória, mas o fato do sonho permaneceu. Tão agitado estava com este sonho que chamou a todos os astrólogos e magos da corte para que lhe interpretassem o sonho.

A resposta que lhe deram foi que era humanamente impossível descobrir um sonho como este e que, talvez, se o rei lho contasse, eles poderiam chegar a interpretá-lo. Isto enfureceu muito a Nabucodonosor, que promulgou uma lei de morte contra todos os sábios de Babilônia, entre os quais estavam incluídos Daniel e os outros três jovens hebreus.

Então Daniel apareceu no cenário e, diante de sua sugestão, deteve-se a ordem de execução. Daniel chamou de imediato a seus três companheiros e lhes pediu que se unissem em oração para que Deus lhes revelasse o sonho.

Em resposta a esta oração, em conjunto, a Bíblia nos registra o seguinte: *“Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite; Daniel bendisse o rei do céu”* (Daniel 2.19). A seguir, Daniel revelou ao rei seu sonho e a respectiva interpretação e, como resultado final, o rei chegou ao

conhecimento do Deus de Daniel e elevou Daniel e seus três companheiros a elevadas posições dentro do reino.

Estas foram as consequências de saber orar num momento tão crítico. Bendita é a nação que tem homens de oração que podem agir ajudando os governadores civis quando estes estão perplexos e atravessando grandes dificuldades.

Anos depois, enquanto Daniel ainda estava naquela terra estranha, recebeu a visão do carneiro e do bode. Mas Daniel não compreendeu esta estranha visão, embora soubesse que provinha de Deus e que tinha um profundo significado em relação ao futuro das pessoas e das nações. Então ele seguiu seu método habitual e se entregou à oração para resolver o problema.

“Havendo eu, Daniel, tido a visão, procurei entendê-la, e eis que se me apresentou diante uma como aparência de homem. E ouvi uma voz de homem de entre as margens do Ulai, a qual gritou e disse: Gabriel, dá a entender a este a visão. Veio, pois, para perto donde eu estava; ao chegar ele, fiquei amedrontado e prostrei-me com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, filho do homem, pois esta visão se refere ao tempo do fim” (Daniel 8.15-17).

De maneira que Gabriel lhe fez entender todo o significado desta notável visão, mas isto veio em resposta à oração de Daniel. Os assuntos mais intrincados encontrarão sua resposta somente em nossa câmara secreta de oração. Da mesma maneira, às vezes Deus emprega inteligências angelicais para dar-nos informação como resposta às orações de Seus santos. Os anjos têm muito a ver com a oração e os homens de oração e os anjos do céu estão em estreita ligação uns com os outros.

Alguns anos depois, aconteceu que, enquanto Daniel estava estudando os registros da nação, descobriu que estava chegando ao fim o tempo dos setenta anos de cativeiro, de maneira que, uma vez mais, se dispôs a orar: *“Voltei o rosto ao Senhor Deus, para O buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza. Orei ao Senhor meu Deus , confessei...”* (Daniel 9.3-4)

A seguir, a Escritura nos dá o registro da oração de Daniel, tão cheia de significado, tão simples, mas fervorosa de espírito, e tão direta em sua confissão e pedidos.

Foi precisamente enquanto estava orando que o mesmo arcanjo Gabriel, que parecia ter muito interesse nas orações deste homem de Deus, lhe entregou a informação tão desejada e valiosa.

Os anjos de Deus estão muito mais perto de nós quando oramos do que podemos imaginar. Deus emprega estas gloriosas inteligências celestiais na bendita tarefa de escutar e responder a oração, principalmente quando, como neste caso, têm a ver com o bem-estar presente e futuro de Seu povo.

Vejamos mais um incidente na vida de oração deste homem de Deus cativo na Babilônia. Daniel recebeu outra revelação, mas nesta ocasião o seu cumprimento seria num futuro longínquo. *“Na- queles dias, eu, Daniel, pranteei durante três semanas. Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca, nem me ungi com óleo algum, até que passaram as três semanas inteiras”* (Daniel 10.2-3).

Foi então que teve uma experiência muito estranha e outra revelação ainda mais singular. Ihe foi trazida por um ser angélico. Vale a pena que prestemos atenção ao relato bíblico: *“Eis que certa mão me tocou, sacudiu-me e pôs-me sobre os meus joelhos e as palmas das minhas mãos. Ele me disse: Daniel, homem muito amado, está atento às palavras que te vou dizer; levanta-te sobre os pés, porque eis que te sou enviado. Ao falar ele comigo esta palavra, eu me pus em pé, tremendo. Então, me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, foram ouvidas as tuas palavras; e, por causa das tuas palavras, é que eu vim. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia”* (Daniel 10.10-13).

O que isto significa é algo difícil de entender, mas temos evidências suficientes como para crer que os anjos do céu estão profundamente interessados em nossa oração e são enviados para trazer-nos as respostas a nossas orações.

Ainda é evidente que algumas forças ou espíritos invisíveis operam para impedir que recebamos ditas respostas. Não nos é dito com clareza quem era este príncipe da Pérsia que resistiu a este ser angélico, mas temos compreensão suficiente para saber que houve uma luta nas esferas celestiais entre estes espíritos enviados por Deus para levar Sua resposta e os espíritos malignos que tratavam de impedi-los e derrubá-los.

Esta passagem dá alguma luz sobre uma das possíveis causas de que as respostas a nossas orações sejam demoradas.

Por três semanas, Daniel gemeu e orou e por vinte e um dias o anjo designado manteve uma luta com o príncipe do reino da Pérsia.

Um elemento muito positivo foi que Daniel teve a determinação e perseverança durante as três semanas de conflito entre os bons e os maus espíritos. Bom seria também para nós não nos darmos por vencidos em nossas orações quando Deus parece tardar em responder-nos.

O orar leva tempo e também o obter a resposta. As demoras a nossas orações não são negativas. O não recebermos uma resposta imediata não é uma evidência que Deus não ouça nossas súplicas. O valor e a persistência para orar são necessárias, mas também a paciência.

“Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor” (Salmo 27.14).

.oOo.

11

A FÊ DOS PECADORES NA ORAÇÃO

“Certo pregador cujos sermões tinham trazido muitas almas a Cristo recebeu uma revelação de Deus, dizendo-lhe que não eram seus sermões os que faziam tal obra, mas as orações de um irmão analfabeto que se sentava no fundo do salão orando pelo êxito do sermão. O mesmo pode acontecer conosco e o Senhor no-lo revelará naquele dia quando nos dará a entender todas as coisas. Depois de termos trabalhado com afinco, chegaremos a descobrir que toda a honra pertence a outro construtor cujas orações foram o ouro, a prata e as pedras preciosas, enquanto que nossos sermões, se não fossem por aquelas orações, seriam o feno e a palha”

C. H. Spurgeon

Uma das características da oração ao estudarmos o Antigo Testamento é a fé que os ímpios ou apóstatas depositaram na oração e a grande confiança que tinham nos homens de oração daqueles dias.

Reconheciam que estes homens tinham influência com Deus e podiam interceder poderosamente a favor deles, livrando-os do mal.

Quando estavam em dificuldades e a ira de Deus ameaçava cair em cima deles ou quando o mal os visitava por causa de suas próprias iniquidades, eles mostravam sua fé na oração, apelando aos homens que oravam, pedindo-lhes que intercedessem a Deus a seu favor, para que Deus retirasse Sua ira de sobre suas vidas.

É um dos estranhos paradoxos daqueles dias, em que pessoas se afastavam de Deus e caíam no pecado e não viravam ateus nem incrédulos, mas criam nas respostas de Deus à oração.

Os homens perversos se agarram a crer na existência de Deus e a ter fé no poder da oração para assegurar-se o perdão dos pecados e serem livres da ira de Deus.

O fato de um homem pecador em seu leito de morte chamar um homem de oração para que venha ao seu lado para orar por ele constitui um fato de bastante importância. Acontece que pecadores penitentes, sob um pesado sentimento de culpa, procuram uma igreja e dizem: “Por favor, orem por mim, homens e mulheres de Deus”.

A Igreja de hoje pouco aprecia a petição destes homens para que orem por sua alma imortal. Se a Igreja fosse viva e plenamente consciente do perigo que correm estas almas não convertidas e agisse em resposta a este fato tão triste, os bancos das igrejas estariam cheios de pecadores pedindo aos homens e mulheres de Deus que orassem por eles.

Muito do que se chama “oração pelos pecadores” é um hábito frio, formal, oficial, que não chega a nenhuma parte, e nem a Deus, e nem consegue algo dEle. Os avivamentos começam quando os pecadores buscam as orações dos homens que realmente sabem orar.

Nos dias do Antigo Testamento há várias coisas que se destacam neste assunto.

Primeiro, a disposição dos pecadores ao procurar os homens de oração em dias de provação e invocar suas orações para conseguir alívio e libertação. “Orem por nós” era o seu clamor.

Segundo, a prontidão com que aqueles homens respondiam àqueles pedidos. O que mais nos impressiona é que estes homens de oração estavam sempre dispostos em espírito para orar e interceder perante Deus.

Terceiro, notemos a maravilhosa influência que estes homens de oração tinham em Deus, quaisquer que fossem as circunstâncias ou o momento em que elevassem suas súplicas. Assim, da mesma maneira que no tempo da Igreja Primitiva, a oração intercessora era a que predominava naqueles dias.

Quão longe está a Igreja de nossos dias de sua real responsabilidade em relação às almas pecadoras! Quão pouco se intercede pelas almas ímpias tratando de conseguir seu resgate e libertação total!

A primeira ilustração que temos quanto à fé que os homens ímpios tinham na oração e sua consideração pelos autênticos homens de Deus é a das serpentes ardentes que Deus enviou aos israelitas.

Israel estava viajando desde o Monte Hor até o Mar Vermelho, tratando de rodear a terra de Edom, quando murmuraram contra Deus e contra Moisés: *“E o povo falou contra Deus e contra Moisés: Por que nos fizestes subir do Egito, para que morramos neste deserto, onde não há pão nem água? E a nossa alma tem fastio deste pão vil”* (Números 21.5).

O assunto desagradou a Deus de tal maneira que enviou uma praga de serpentes abrasadoras entre o povo e muitos deles morreram.

“Veio o povo a Moisés e disse: Havemos pecado, porque temos falado contra o Senhor e contra ti; ora ao Senhor para que tire de nós as serpentes. Então, Moisés orou pelo povo” (Números 21.7).

Embora estas pessoas se tivessem afastado de Deus e estivessem pecando queixando-se e rebelando-se contra Ele, no entanto não tinham perdido sua fé na oração e nem esqueceram que havia um líder em Israel que podia interceder por eles perante Deus, evitando que o desastre continuasse produzindo vítimas.

Jeroboão, o primeiro rei das dez tribos que se separaram, é outro exemplo ilustrativo deste assunto.

É um caso muito notável devido ao seu grande afastamento de Deus, ao qual a história de Israel se refere como *“o pecado de Jeroboão, filho de Nebate”*. Mas vemos que, apesar de sua grande maldade, este rei não tinha perdido sua fé na eficácia da oração.

Em certa ocasião, Jeroboão quis tomar o lugar de sumo sacerdote e atreveu-se a ir ao altar para queimar incenso. Um homem de Deus veio de Judá e clamou em alta voz: *“Altar, altar! Assim diz o Senhor: Eis que um filho nascerá à casa de Davi, cujo nome será Josias, o qual sacrificará sobre ti os sacerdotes dos altos que queimam sobre ti incenso, e ossos humanos se queimarão sobre ti”* (1 Reis 13.2).

Ouvindo isto, o rei Jeroboão se enfureceu e mandou prender este homem de Deus, mas a mão que tinha estendido, ameaçando-o, secou e não a pôde endireitar. Também o altar desmoronou e as cinzas foram espalhadas.

Aterrado com este juízo, o rei clamou ao homem de Deus: *“Implora o favor do Senhor, teu Deus, e ora por mim, para que eu possa recolher a mão. Então, o homem de Deus implorou o favor do Senhor, e a mão do rei se lhe recolheu e ficou como dantes”* (1 Reis 13.6).

Consideremos que agora não estamos tratando os hábitos de oração do homem de Deus, nem as possibilidades da oração, embora façam parte deste estudo.

Estamos considerando aqui o caso particular de um governador de Israel, culpado de um grave pecado, que, quando a ira de Deus caiu sobre a sua vida, imediatamente rogou a um homem de oração que intercedesse por ele.

Triste é a situação de um país que se diga cristão e que, no entanto, os pecados não sejam afetados pela fé e pelas práticas santas de sua Igreja, não podendo ir em busca dos verdadeiros homens de oração.

Outra ilustração ainda daremos. O filho do rei Jeroboão caiu enfermo e estava próximo à morte. Este rei malvado e indiferente enviou a sua esposa a Aías, o profeta de Deus, para perguntar-lhe qual seria o resultado da enfermidade do pequeno. Ela pretendia enganar o ancião profeta que estava quase cego, fazendo-se passar por outra pessoa, mas o profeta teve uma visão que lhe revelou imediatamente quem era essa mulher.

Após dizer-lhe muitas coisas importantes relacionadas com o reino de seu marido, que não tinha guardado os mandamentos de Deus, caindo na idolatria, lhe disse: *“Tu, pois, dispõe-te e vai para tua casa; quando puseres os pés na cidade, o menino morrerá”* (1 Reis 14.12).

Como no primeiro caso mencionado, o pecado de Jeroboão não lhe tinha cegado os olhos para ver o valor de um homem de Deus a quem consultar. E, segundo o relato da Escritura, de

nada adiantou consultá-lo, mas esta é outra prova de que os pecadores do Antigo Testamento, embora não fossem homens de oração, criam realmente nas orações daqueles que verdadeiramente o eram.

Tomemos outro exemplo com Joanã, precisamente quando os filhos de Israel começavam sua vida de cativo na Babilônia. Joanã e Jeremias, com um pequeno grupo, tinham sido deixados em sua terra natal, e Ismael tinha conspirado contra Gedalias, o governador do país, tirando-lhe a vida. Joanã veio para resgatar e libertar o povo das mãos de Ismael, que estava levando-os para longe de sua terra, e Joanã queria fugir para o Egito, não sendo este o plano de Deus.

Neste momento tão particular, reuniu todas as pessoas e procuraram Jeremias com o seguinte pedido: *“Apresentamos-te a nossa humilde súplica, a fim de que rogues ao Senhor, teu Deus, por nós e por este resto; porque, de muitos que éramos, só restamos uns poucos, como vês com os teus próprios olhos; a fim de que o Senhor, teu Deus, nos mostre o caminho por onde devemos andar e aquilo que devemos fazer”* (Jeremias 42.2-3).

Como todos os grandes homens de oração, Jeremias também intercedeu por esta gente e, após dez dias, veio a resposta e foram informados por Jeremias que Deus lhes indicaria o caminho a seguir. E era que não descessem para o Egito, mas que ficassem perto de Jerusalém.

Lamentavelmente, Joanã e o restante do povo julgaram mal ao profeta e recusaram fazer o que Deus lhes tinha ensinado como resposta à oração.

Mas isto não nega o fato que eles tinham fé nas petições que um homem como Jeremias podia fazer a Deus.

Ainda podemos destacar outro caso, mostrando esta mesma verdade que estamos examinando referente à oração na dispensação do Antigo Testamento.

Zedequias era o rei de Judá quando começou o cativeiro do povo de Deus e estava no governo quando Jerusalém foi sitiada pelo rei da Babilônia. Foi precisamente naqueles dias quando Zedequias enviou dois homens ao profeta Jeremias, dizendo-lhe: *“Pergunta agora por nós ao Senhor, porque Nabucodonosor, rei da Babilônia, guerreia contra nós; bem pode ser que o Senhor nos trate segundo todas as suas maravilhas e o faça retirar-se de nós”* (Jeremias 21.2). Em resposta a esta petição, Deus disse a Jeremias o que tinha que fazer e também o que aconteceria,

mas, como no caso de Joana, Zedequias se comportou de maneira falsa e não seguiu as instruções que Deus tinha dado ao profeta.

No entanto, uma vez mais, este incidente nos prova que o rei Zedequias não tinha perdido sua fé na oração como um meio de encontrar e descobrir os pensamentos de Deus.

Certamente, a oração teve um lugar proeminente em toda a história do Antigo Testamento, quando, não somente os homens de Deus se destacavam por seus santos hábitos de oração, como também aqueles que se tinham afastado de Deus continuavam crendo nas virtudes da oração pronunciada por lábios de justos.

.oOo.